

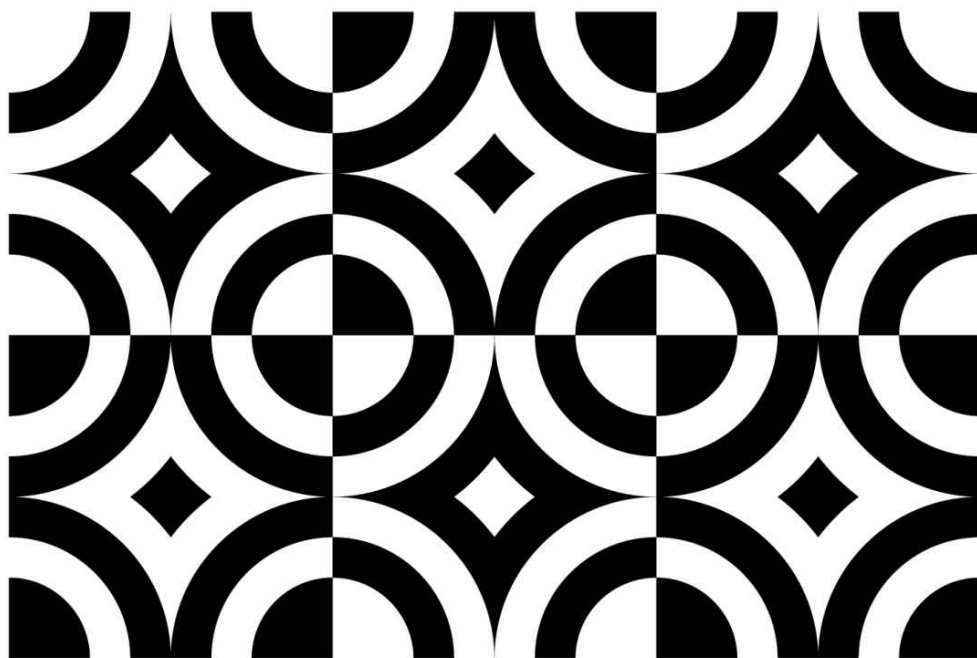
NOTES FROM THE TENT HITCHHIKER HIV



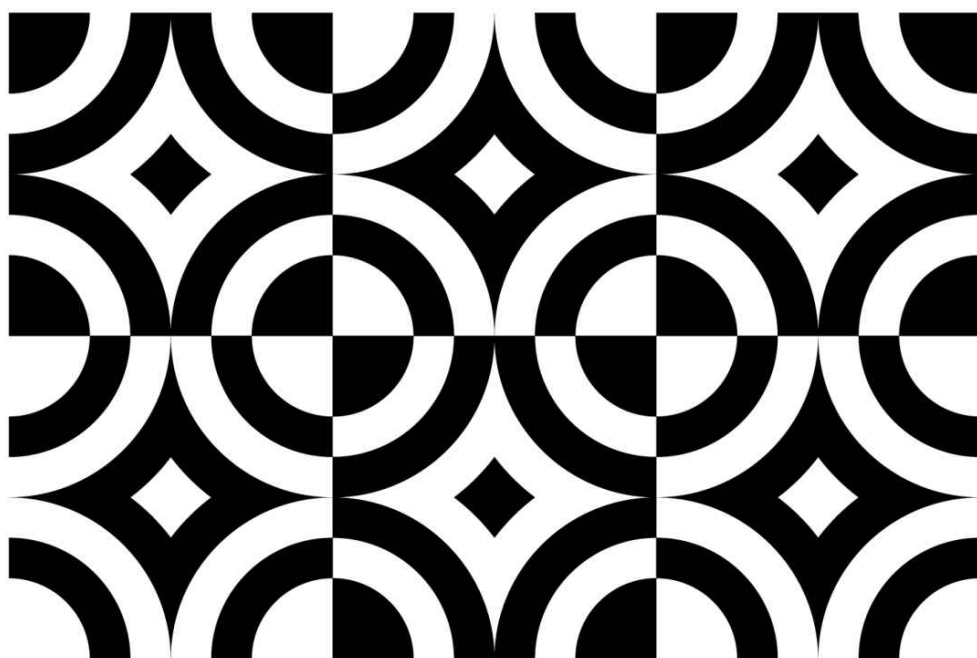
TRADUÇÃO MARCELO BACKES







CARAMBAIA



NOITES FLORIPEN TINAS HENRICH HEINE

Tradução e posfácio Marcelo Backes CARAMBAIA

Sumário

Primeira noite

Segunda noite

Posfácio – O machado de Lázaro

Cronologia

Marcelo Backes

PRIVACY
PRIVACY
PRIVACY
PRIVACY
NOTE

No vestibulo, Maximilian encontrou o médico, que vestia suas luvas negras naquele exato instante.

— Estou com muita pressa – exclamou o médico para ele, precipitadamente. — A *signora* Maria não dormiu o dia inteiro e só agora conseguiu cochilar um pouco. Não preciso recomendar ao senhor que não a desperte e evite qualquer ruído; e, se ela porventura acordar, não pode, de modo algum, falar com quem quer que seja. Ela tem de permanecer deitada quieta, não pode se agitar nem fazer o menor movimento, e, insisto, não deve conversar; só a distração espiritual lhe é salutar nessa situação. O senhor, por favor, conte a ela todo o tipo de histórias tolas, para que ela tenha de ouvir com toda a concentração.

— Não se preocupe, doutor – replicou Maximilian com um sorriso melancólico. — Eu já me tornei um perfeito tagarela e não a deixarei dizer sequer uma palavra. Hei de contar a ela tantas coisas fantásticas quantas o senhor desejar... Mas por quanto tempo ainda ela viverá?

— Eu estou com muita pressa – respondeu o médico, escapando.

A negra Débora, com seus ouvidos afiados, reconheceu o recém-chegado pelo andar e lhe abriu a porta com o maior cuidado. A um simples aceno dele, ela deixou o aposento em silêncio, e Maximilian se viu então sozinho com a amiga. O quarto estava na penumbra, iluminado apenas por uma única lâmpada, que lançava, de quando em quando, umas luzes um tanto tímidas, um tanto curiosas ao semblante da mulher enferma, toda vestida de

musselina branca, esticada sobre um sofá de seda verde, dormindo calmamente.

Calado, de braços cruzados, Maximilian permaneceu algum tempo diante da mulher adormecida, contemplando as belas formas que o vestido leve, mais que ocultar, revelava, e, a cada vez que a lâmpada lançava um rastro de luz sobre o semblante pálido, seu coração estremecia. “Por Deus!”, ele disse consigo em voz baixa. “O que é isso? Que recordação é essa que desperta em mim? Sim, agora eu sei. Aquela estátua branca com o fundo verde, sim, agora eu sei...”

Nesse momento, a enferma despertou, e, como que surgindo da profundidade de um sonho, os olhos suaves de um azul-escuro miraram o amigo, interrogando, suplicando.

— Em que o senhor pensava agora mesmo, Maximilian? – disse ela com aquela voz terrivelmente branda de quem se acha doente do pulmão e na qual acreditamos ouvir ao mesmo tempo o balbúcio de uma criança, o gorjeio de um pássaro e o estertor de um moribundo. — Em que o senhor pensava agora mesmo, Maximilian? – repetiu ela, e ergueu-se com tanta vivacidade que os cachos longos cingiram sua cabeça como serpentes de ouro assustadas.

— Por Deus! – exclamou Maximilian, enquanto voltava a recostá-la suavemente no sofá. — Fique deitada quieta, não fale; eu terei de contar tudo à senhora, tudo o que eu penso, o que eu sinto, e até aquilo que nem mesmo sei!

— A verdade é que – prosseguiu ele – não sei exatamente em que eu estava pensando e o que sentia agora mesmo. Imagens da infância me passavam cheias de penumbra pela imaginação; pensava no castelo da minha mãe, no jardim ermo que lá havia, na bela estátua de mármore deitada na relva verde... Eu disse “o castelo da minha mãe”, mas peço à senhora que, de modo algum, pense que eu esteja falando de algo magnífico e suntuoso! Apenas me acostumei a chamá-lo assim; meu pai sempre deu um acento deveras especial à palavra “castelo”. E, a cada vez que a

pronunciava, ele sorria de maneira tão particular. Só vim a compreender o significado desse sorriso mais tarde, quando eu, um menino de mais ou menos 12 anos, viajei com minha mãe ao castelo. Era minha primeira viagem. Viajamos durante o dia inteiro por uma floresta cerrada, cujos escuros tremores ficarão para sempre inesquecíveis dentro de mim, e só ao entardecer paramos diante de uma longa porteira que nos separava de um grande prado. Tivemos de esperar por quase meia hora até que da cabana de barro da vizinhança saísse o garoto, que empurrou o portão permitindo que entrássemos. Eu disse “o garoto”, porque a velha Marta ainda seguia chamando seu sobrinho de 40 anos de garoto; ele, para receber dignamente seus fidalgos patrões, usou a velha libré de seu falecido tio; e se nos fez esperar por tanto tempo foi porque teve de, antes de nos receber, tirar-lhe o pó. Tivéssemos nós lhe dado mais tempo, ele também teria usado as meias; mas as pernas longas, nuas e vermelhas também não deixavam de combinar muito bem com o vermelho vivo do casacão. Se ele usava calças ou não, não lembro mais. Nosso criado, Johann, que como eu ouvira muitas vezes a denominação “castelo”, fez uma cara das mais perplexas quando o garoto nos dirigiu àquela pequena construção desmantelada onde morara seu saudoso senhor. Mas ficou mesmo consternado quando minha mãe lhe ordenou que trouxesse os colchões. Como poderia prever que no “castelo” não havia camas? E a ordem de minha mãe para que trouxesse colchões, ou ele não a ouvira bem, ou a considerara uma preocupação supérflua.

A casinha, de um só piso, que em seus melhores tempos talvez tivesse cinco ambientes habitáveis, se mostrava um doloroso quadro da transitoriedade. Móveis destroçados, tapetes e cortinas esfarrapados e nem uma única vidraça totalmente intacta, o piso levantado aqui e ali, em todo lugar os rastros horríveis da mais ultrajante soldadesca. “As tropas que passaram por aqui sempre se divertiram muito à nossa custa”, disse o garoto com um sorriso

estúpido. Mas mamãe acenou, desejando que a deixássemos sozinha, e, enquanto o garoto se ocupava com Johann, eu fui ver o jardim, que oferecia, da mesma maneira, a mais desconsoladora visão da ruína. As grandes árvores estavam em parte estropiadas, em parte derrubadas, e sardônicas parasitas erguiam-se sobre os troncos caídos. Aqui e ali, era possível reconhecer antigos caminhos entre os arbustos de teixos crescendo selvagememente. Aqui e ali havia também estátuas, à maioria das quais faltava a cabeça ou, pelo menos, o nariz. Lembro-me de uma Diana cuja metade inferior do corpo desaparecera do modo mais ridículo cercada pela hera escura; e também de uma Deusa da Abundância de cuja cornucópia brotavam umas fedorentas ervas daninhas. Só uma estátua fora poupada, Deus sabe como, da maldade dos homens e do tempo; é certo que havia sido derrubada de seu pedestal para a relva alta, mas ali jazia intacta a deusa marmórea, com suas feições da mais pura beleza e com seus rígidos e generosos seios, que ofuscavam os olhos entre a relva alta, como uma revelação grega. Eu quase me assustei quando a vi; essa imagem me causou uma singular sensação de temor que me oprimia, e um secreto aturdimento não me deixava contemplar por muito tempo seu delicado aspecto.

Quando voltei em busca de minha mãe, ela estava parada à janela, perdida em pensamentos, a cabeça apoiada em sua mão direita, enquanto as lágrimas corriam sem parar por sua face. Eu jamais a havia visto chorando daquele modo. Ela me abraçou com ternura sôfrega e me pediu perdão, porque eu, devido à negligência de Johann, não receberia uma cama apropriada. “A velha Marta”, disse ela, “está gravemente enferma e não poderá ceder sua cama, filho querido. Mas Johann buscará as almofadas do coche e as arranjará com todo o cuidado, a fim de que possas dormir, e te dará seu capote por cobertor. Quanto a mim, dormirei aqui mesmo, sobre a palha; é o quarto de meu saudoso pai – antes tinha um aspecto muito melhor. Deixa-me só!”. E as lágrimas brotaram de seus olhos com violência ainda maior.

Fosse pelo leito incomum, fosse pelo coração excitado, fato é que não consegui dormir. O luar penetrava de maneira tão direta através das vidraças quebradas que a mim parecia até que ele queria me atrair para aquela clara noite de verão. Por mais que eu me virasse de um lado a outro do leito, que cerrasse os olhos e logo os abrisse com impaciência, não podia pensar em nada que não fosse a bela estátua de mármore que eu vira deitada na relva. Não conseguia esclarecer o aturdimento que se apossara de mim ao vê-la; eu estava aborrecido por esse sentimento infantil e dizia baixinho com meus botões: “Amanhã, sim, amanhã te beijarei, tu, belo rosto de mármore, beijar-te-ei justo nas belas comissuras da boca, onde os lábios se fundem numa covinha tão encantadora!”. Uma impaciência, como eu jamais sentira, percorria todos os meus membros, eu não conseguia dominar mais o ímpeto estranho, e enfim levantei-me dum salto, com coragem destemida, e disse: “Queres apostar que te beijo ainda hoje, querida estátua?”. Mansamente, a fim de que minha mãe não ouvisse meus passos, deixei a casa, o que era tanto mais fácil porque o portal, ainda que provido de um pesado escudo, não tinha porta alguma; e às pressas me meti através da ramagem do jardim deserto. Não se percebia ruído algum, e tudo repousava calado e grave sob o luar tranquilo. As sombras das árvores estavam como que pregadas na terra.

Sobre a relva verde jazia a bela deusa, também imóvel; mas não se tratava de uma morte pétrea, apenas um sono tranquilo parecia aprisionar suas formas adoráveis, e, quando eu me aproximei dela, quase temi que, com o mais ínfimo ruído, pudesse despertá-la de seu sono leve. Prendi a respiração quando me inclinei sobre ela para contemplar suas belas feições; um estremecimento de pavor me afastou, uma concupiscência juvenil me puxou de volta, meu coração palpitava como se eu fosse cometer um assassinato e, enfim, beijei a bela deusa com um fervor, com uma ternura, com um desespero que eu jamais voltei a sentir ao beijar nesta vida. Também jamais pude esquecer a sensação terrivelmente doce que

agitou minha alma quando o frio arrebatador daqueles lábios de mármore tocou minha boca... E, note bem, Maria, agora mesmo, quando eu estava parado diante da senhora, vendo-a estendida sobre o sofá verde em seu vestido de musselina branca, seu aspecto me fez recordar a estátua de mármore branca na relva verde. Tivesse a senhora dormido por mais algum tempo e meus lábios não teriam resistido...

— Max! Max! – gritou a mulher das profundezas de sua alma. — Horrível! O senhor sabe que um beijo de sua boca...

— Oh, cale-se, eu sei que isso representaria algo horrível para a senhora! Não me olhe de modo assim tão suplicante. Não interpreto mal seus sentimentos, ainda que seus derradeiros motivos me fiquem ocultos. Eu jamais ousaria apertar meus lábios nos seus...

Mas Maria não o deixou terminar, agarrou sua mão, cobriu-a com os mais impetuosos beijos e em seguida disse, sorridente:

— Por favor, por favor, conte-me mais de seus amores. Quanto tempo o senhor amou a bela de mármore que beijou no jardim do castelo de sua mãe?

— Nós partimos no dia seguinte – respondeu Maximilian –, e eu nunca mais voltei a ver a encantadora estátua. Mas por quase quatro anos ela ocupou meu coração. Desde aquela época, acabou por se desenvolver em minha alma uma fantástica paixão por estátuas de mármore, e ainda esta manhã experimentei sua arrebatadora impetuosidade. Eu saía da Laurentiana, a biblioteca dos Médicis, e, já nem sei mais como, entrei na capela em que a mais magnífica das estirpes italianas construiu para si um sepulcro de pedras preciosas e hoje dorme seu sono tranquilo. Fiquei por uma hora inteira lá, mergulhado na contemplação de uma estátua marmórea de mulher cujo corpo imponente mostra o vigor impávido de Michelangelo, enquanto a figura inteira se acha envolta por uma doçura etérea que não se costuma encontrar nas obras daquele mestre. Nesse mármore, o reino dos sonhos inteiro está fixado com todas as suas tranquilas benesses, uma terna quietude mora

naquelas belas formas, um luar apaziguador parece correr nas suas veias... é a *Noite*, de Michelangelo Buonarroti. Oh! Como eu queria dormir o sono eterno nos braços dessa *Noite*...

— Pinturas de mulheres – seguiu Maximilian depois de uma pausa – sempre me interessaram bem menos intensamente do que estátuas. Só uma vez me enamorei de um quadro. Era uma Madona maravilhosa, em uma igreja de Colônia, às margens do Reno. Converti-me, naquela época, num fervoroso papa-hóstias, e o meu ânimo submergiu por inteiro na mística do catolicismo. Naquela época teria feito muito gosto em lutar, assim como um cavaleiro espanhol, todos os dias de minha vida pela imaculada Conceição de Maria, rainha dos anjos, a mais bela dama do céu e da terra! Naqueles tempos, interessei-me por toda a Sagrada Família, e tirava o chapéu com particular afeto quando passava diante de uma imagem de São José. Mas essa situação não durou muito, e, sem muita cerimônia, eu abandonei a Virgem quando, numa galeria de antiguidades, conheci uma ninfa grega que, durante muito tempo, me prendeu em suas cadeias de mármore.

— E o senhor amou sempre apenas mulheres esculpidas ou pintadas? – perguntou Maria, disfarçando o riso.

— Não, também amei mulheres mortas – respondeu Maximilian, em cujo rosto voltou a se expandir uma grande seriedade. Ele não se deu conta do estremecimento de terror de Maria ao ouvir essas palavras e prosseguiu falando com tranquilidade:

— Sim, é muito singular o fato de eu ter me enamorado de uma moça depois de ela já estar morta havia sete anos. Quando conheci a pequena Very, fiquei extremamente encantado por ela. Por três dias, só me ocupei dessa jovem e achava o mais alto deleite em tudo o que ela fazia e falava, em todas as manifestações cativantes de seu espírito raro, mas sem que meu ânimo sentisse emoções ternas em demasia. Tampouco caí em luto profundo quando, alguns meses depois, recebi a notícia de sua morte repentina devido a uma febre nervosa. Esqueci-a de todo e estou convencido de que por

muitos anos não pensei nem sequer uma vez nela. E eis que então se passaram sete anos inteiros do ocorrido. Eu me encontrava em Potsdam para gozar em tranquila solitude a beleza do verão. Lá eu não mantinha contato com ninguém, e todas as minhas relações se limitavam às estátuas que se encontravam no jardim de Sans Souci. E foi ali que certo dia surgiram em minha memória uns traços faciais e uma maneira estranhamente amável de falar e de se mover, sem que eu pudesse me recordar a quem eles pertenciam. Nada é tão torturante como esse remexer em velhas recordações, e por isso fiquei alegre e surpreso quando, depois de alguns dias, me recordei de repente da pequena Very e me dei conta de que era sua imagem querida e esquecida a que tão vagamente me inquietou. Sim, alegrei-me com essa descoberta como alguém que volta a encontrar seu amigo mais íntimo de um modo bem inesperado; as cores empalidecidas se animaram pouco a pouco até que, enfim, aquela doce e pequena pessoa estava, cheia de vida, outra vez diante de mim, sorridente, amuada, graciosa e mais bela do que nunca. Desde então, essa imagem encantadora não me abandonou mais, enchia minha alma inteira; aonde quer que eu fosse, lá estava ela a meu lado, conversava comigo, ria comigo, sempre agradável e gentil, ainda que sem grande ternura. Mas eu, dia a dia, me encantava mais com aquela imagem, que com o passar do tempo ficava cada vez mais real para mim. É fácil evocar espíritos, mas difícil mandá-los de volta ao seu escuro Nada; eles nos olham tão suplicantes, nosso próprio coração intercede tão poderosamente por eles... Eu já não podia me libertar e me enamorei da pequena Very, depois de ela já estar morta havia sete anos.

Assim eu vivi seis meses em Potsdam, totalmente mergulhado nesse amor. Eu evitava, com zelo ainda maior do que antes, qualquer contato com o mundo exterior; e, se alguém se aproximava de mim na rua, sentia a mais desagradável opressão. Eu tinha uma repulsa profunda por todos os encontros, talvez o mesmo que sentem os espíritos dos mortos que vagam pela noite; pois se diz

que estes, quando encontram uma pessoa viva, se assustam tanto quanto um vivo se assusta ao encontrar um espectro.

Por acaso, naqueles dias passava por Potsdam um viajante do qual eu não poderia me esquivar; era meu irmão. À sua vista e ao ouvi-lo contar os últimos acontecimentos do dia, como que despertei de um sonho profundo e, assustado, senti de repente a solidão terrível em que estava vivendo. Nesse estado, não notei sequer as mudanças de estação e agora contemplava com admiração as árvores que, desprovidas de folhas já havia algum tempo, começavam a ser cobertas pela geada do outono. Em seguida deixei Potsdam e a pequena Very, e em outra cidade, onde me aguardavam importantes negócios, logo me reencontrei com os tormentos da dura realidade, por obra de muito rudes circunstâncias e relações.

— Deus do céu! — prosseguiu Maximilian, enquanto um sorriso doloroso perpassava seu lábio superior. — Como me torturaram as mulheres vivas com quem travei contatos urgentes por aqueles tempos! E torturaram-me ternamente, com seus amuos, seus ciúmes e seus suspiros. Em quantos bailes tive de sapatear com elas, em quanta fofoca tive de me meter! Que vaidade infatigável, que gosto pela mentira, quanta traição plena de beijos, quantas flores venenosas! Aquelas damas souberam amargar todos os meus prazeres e amores, e durante algum tempo me tornei um misógino que condenava o belo sexo inteiro. Aconteceu comigo mais ou menos o que aconteceu com o oficial francês que, na campanha da Rússia, conseguiu se salvar, depois de muito esforço, dos gelos de Beresina, e desde então apanhou tal antipatia por tudo que é gelado que rechaçava com repugnância até os mais doces e deliciosos sorvetes do Tortoni. Sim, a recordação daquela Beresina do amor em que então me achava me fez acolher com frieza, durante algum tempo, as damas mais deliciosas, mulheres que eram como anjos, moças como sorvetes de baunilha...

— Eu peço ao senhor — exclamou Maria —, não seja injurioso com as mulheres! Esses são modos de falar banais, típicos dos homens. No fim, para serem felizes, os senhores, de qualquer modo, precisam das mulheres.

— Oh — suspirou Maximilian —, isso é certo. Mas as mulheres lamentavelmente têm apenas um modo de nos fazer felizes, ao passo que conhecem 30 mil maneiras de nos atormentar.

— Caro amigo — replicou Maria, segurando um leve sorriso —, eu falo da harmonia entre duas almas unissonantes. O senhor nunca sentiu uma felicidade como essa?... Mas eu vejo um rubor incomum perpassar sua face... Fale, Max!

— É verdade, Maria. Sinto-me pego em flagrante de um modo quase pueril ao ter de confessar à senhora o amor ditoso que me fez infinitamente feliz outrora. Essa recordação ainda não se perdeu para mim, e minha alma se refugia com frequência em suas sombras frescas, quando o pó ardente e o calor da vida cotidiana se tornam insuportáveis. Mas eu não sou capaz de dar à senhora uma ideia exata dessa amada. Sua natureza era tão etérea que só podia se revelar para mim em sonhos. Eu acho, Maria, que a senhora não tem nenhum desses preconceitos banais contra os sonhos; essas aparições noturnas têm, verdadeiramente, tanta realidade quanto as grosseiras imagens do dia, que podemos tocar com as mãos, e com as quais não poucas vezes nos sujamos. Sim, era em sonhos que eu a via, essa criatura encantadora, a que mais me fez feliz neste mundo. Sobre sua aparência sei dizer bem pouco. Não sou capaz de revelar com clareza a forma de suas feições. Era um rosto que eu nunca havia visto antes e que jamais voltei a ver em minha vida toda. Tanto quanto me lembro, não era branca e rosada, mas de uma só cor, um moreno pálido suavemente corado, translúcido como cristal. O encanto daquele rosto não estava nem na beleza perfeita nem na interessante vivacidade; seu caráter consistia muito mais numa sinceridade encantadora, feiticeira, quase assustadora. Era um rosto cheio de amor consciente e graciosa bondade; mais

uma alma que um rosto, e por isso nunca pude representar de modo acabado a sua forma exterior. Os olhos eram suaves como flores, os lábios, algo pálidos e graciosamente curvos. Ela usava um penhoar de seda, de cor azul-clara, e isso era tudo que vestia; pescoço e pés estavam nus, e, através da roupagem fina e macia, assomava às vezes, furtiva, a delicadeza esbelta de seus membros. Das palavras que trocávamos um com o outro também já não consigo mais me lembrar com clareza; mas me lembro de que noivamos e gozamos juntos, alegres e serenos, francos e íntimos, como noivo e noiva, quase como irmão e irmã. Algumas vezes nem precisávamos falar mais e olhávamos um ao outro, olho no olho, e permanecíamos nessa sublime contemplação durante eternidades inteiras... Por que motivo despertei, também não sei dizer, porém me regalei durante muito tempo com os vestígios desse amor feliz. Muito tempo fiquei como se estivesse bêbado de inauditas delícias, a mais lânguida fundura de meu coração estava cheia de bem-aventuranças, uma alegria desconhecida parecia ter se derramado sobre todos os meus sentimentos, e eu permaneci contente e sereno, mesmo que jamais tivesse voltado a ver a amada em meus sonhos. Mas por acaso não gozei eternidades inteiras contemplando-a? Também ela me conhecia demasiado bem para saber que não gosto de repetições.

— Realmente — exclamou Maria —, o senhor é um *homme à bonne fortune*^[1]... Mas diga-me, *mademoiselle* Laurence era uma estátua de mármore ou um quadro? Uma morta ou um sonho?

— Talvez tudo isso junto — respondeu Maximilian com muita seriedade.

— Eu podia imaginar, caro amigo, que essa amada tinha de ser de bem duvidosas carnes. E quando o senhor haverá de me contar essa história?

— Amanhã. Ela é longa, e hoje estou cansado. Venho da ópera e tenho demasiada música nos ouvidos.

— O senhor vai muito à ópera agora, e eu creio, Max, que vai mais para ver que para ouvir.

— Não se engana, senhora Maria; de fato vou à ópera para contemplar os rostos das belas italianas. Claro que já são suficientemente belas fora do teatro, e um pesquisador de História poderia comprovar com toda a facilidade, no caráter ideal de suas feições, a influência das artes plásticas sobre o físico do povo italiano. A natureza, ali, voltou a tirar dos artistas o capital que um dia lhes emprestou e, veja só, com juroz encantadores. A natureza que um dia entregou aos artistas seus modelos hoje copia as obras-primas que surgiram deles. O sentido da Beleza tomou conta do povo inteiro, e, do mesmo modo que um dia a carne atuava sobre o espírito, agora o espírito atua sobre a carne. E não é em vão a devoção ante aquelas belas madonas, as amáveis imagens de altar que se gravam no ânimo do noivo enquanto a noiva leva em sua alma fervorosa um belo santo. Por meio de tais afinidades eletivas surgiu aqui uma estirpe de gente que é ainda mais bela do que o formoso solo sobre o qual floresce e do que o céu ensolarado que a aureola como uma moldura de ouro. Os homens nunca me interessam muito, se não estão ou pintados ou esculpidos, e diante da senhora, Maria, concedo todo o entusiasmo possível por esses belos e flexíveis italianos, que têm suíças tão selvagememente negras, narizes tão corajosamente nobres e olhos tão suavemente sábios. Diz-se que os lombardos são os homens mais belos. Nunca os investiguei a fundo, só refleti com seriedade sobre as lombardas, e estas, isso eu percebi com toda a clareza, são de fato tão belas quanto a fama anuncia. Mas já na Idade Média elas deviam ter sido muito bonitas. Diz-se de Francisco I^[2] que o boato da beleza das milanesas foi o impulso secreto que o moveu a empreender sua campanha na Itália; sem dúvida, o rei cavaleiro estava curioso por saber se suas priminhas espirituais, a parentela de seu padrinho, era tão bonita como ele ouvira falar... Pobre maroto! Em Pavia teve de pagar bem caro a sua curiosidade!

Mas como são belas as italianas quando a música lhes ilumina o rosto. Eu digo “ilumina” porque o efeito da música, que eu observo

sobre os rostos das belas mulheres na ópera, se assemelha totalmente àqueles efeitos de luz e sombra que tanto nos admiram quando contemplamos estátuas iluminadas por tochas, à noite. Essas imagens de mármore nos revelam então, com aterradora verdade, o espírito que mora dentro delas e seus segredos mudos e horripilantes. Da mesma maneira também se manifesta toda a vida das belas italianas quando as vemos na ópera; as melodias alternantes despertam em suas almas uma série de sentimentos, recordações, desejos e aborrecimentos que se revelam imediatamente nos movimentos de suas feições, em seu rubor, em sua palidez e, sobretudo, em seus olhos. Quem sabe ler pode ler coisas muito doces e interessantes em seus belos rostos, histórias tão notáveis quanto as novelas de Boccaccio, sentimentos tão ternos quanto nos sonetos de Petrarca, caprichos tão aventureiros quanto as oitavas de Ariosto, às vezes também traições espantosas e nobres maldades tão poéticas quanto o *Inferno* do grande Dante. É por isso que vale a pena observar os camarotes. É pena que os homens expressem seu entusiasmo com uma barulheira tão abominável! Esse estúpido ruído dos teatros italianos às vezes me é intolerável. Mas a música é a alma dessas pessoas, sua vida, seu tema nacional. É verdade que em outros países há músicos que podem se equiparar aos maiores renomes italianos, mas lá não há um povo musical. Aqui na Itália a música não é representada pelos indivíduos, mas se manifesta em toda a população; a música se fez povo. Entre nós, no norte, a coisa é muito diferente; ali a música só se fez homem e se chama Mozart ou Meyerbeer; e, ademais, quando se examina com atenção o melhor que esses músicos nórdicos nos oferecem, acha-se no interior deles sol italiano e aroma de laranja, e, muito mais que à nossa Alemanha, eles pertencem à bela Itália, a terra natal da música. Sim, a Itália será sempre a terra natal da música, mesmo que seus grandes maestros baixem prematuramente à tumba ou guardem silêncio, mesmo que morra Bellini e que Rossini se cale.

— De fato — observou Maria —, Rossini guarda um silêncio dos mais rigorosos. Se não me engano, está calado já há dez anos.

— Isso talvez seja uma graça dele — respondeu Maximilian —, ele quis mostrar que a alcunha de “Cisne de Pesaro” que se deu a ele é de toda imprópria. Os cisnes cantam no fim de sua vida, mas Rossini deixou de cantar na metade da sua. E acredito que ele fez bem, provando com isso que é um gênio. Um artista que tem apenas talento conserva até o fim da vida o impulso de exercitar esse talento, a ambição o espicaça e ele sente que se aperfeiçoa constantemente e que esse impulso o empurra a aspirar ao mais alto. Mas o gênio já realizou o mais alto que pode ser realizado, está satisfeito e despreza o mundo e a ambição pequena, e vai para casa, a Stratford-upon-Avon, como William Shakespeare, ou passeia rindo e gracejando pelo Boulevard des Italiens em Paris, como Gioachino Rossini. Se o gênio não tem uma constituição física de todo ruim, ele viverá nessas circunstâncias ainda uns bons momentos, depois de haver dado ao mundo suas obras-primas ou, como se costuma dizer, depois de haver cumprido sua missão. É um preconceito pensar que os gênios devem morrer cedo; eu creio que se designou o tempo que vai dos 30 aos 34 anos como o mais perigoso para eles. Quantas vezes fiz troça do pobre Bellini por causa disso e por brincadeira profetizei que ele, na sua qualidade de gênio, deveria morrer logo, assim que alcançasse essa idade perigosa. Estranho! Apesar do tom de brincadeira, ele se inquietava com essa profecia e me chamava de seu *jettatore* e fazia sempre o sinal de proteção contra a *jettatura*...^[3] Ele queria tanto continuar vivendo, sentia uma repugnância quase passional à morte, não queria ouvir nada sobre morrer, e se amedrontava ante isso como uma criança que tem medo de dormir no escuro... Era uma criança boa e amável, às vezes se mostrava algo travesso, mas aí bastava ameaçá-lo com sua morte iminente e ele logo se fazia desanimado e suplicante e, com os dois dedos erguidos, fazia o sinal de proteção à *jettatura*... Pobre Bellini!

— O senhor o conheceu pessoalmente? Era belo?

— Não era feio. Conforme a senhora vê, também nós, homens, sabemos responder sem afirmar de modo direto quando nos pergunta sobre alguém de nosso sexo. Era uma figura altaneira e esbelta, que se movia com graça, quase com coquetaria, eu diria; sempre *à quatre épingles*^[4]; um rosto regular, alongado, de um rosa pálido; cabelos louros, quase dourados, penteados em cachinhos finos; testa nobre e alta, assaz alta; nariz reto; olhos de um azul pálido, boca bem talhada; queixo redondo. Suas feições tinham algo de vago, descaracterizado, algo como leite, e nesse rosto leitoso tremulava às vezes, agridoce, uma expressão de dor. Essa angústia supria a falta de espírito no rosto de Bellini; mas era uma dor sem profundidade; flamejava sem poesia nos olhos e estremecia sem paixão nos lábios. Essa dor fraca e pouco profunda parecia afetar toda a figura do jovem maestro. Seus cabelos eram penteados de um modo desajeitado e melancólico, a roupa lhe caía tão patética no corpo delicado, levava sua varinha espanhola de modo tão idílico que me recordava sempre os pastorzinhos à moda antiga, que víamos posar, cheios de afetação, em nossos jogos pastoris, com seus bastõezinhos e suas calças e casaquinhos de cores alegres. E seu andar era tão cândido, tão elegíaco, tão etéreo. O homem inteiro parecia um suspiro *en escarpins*^[5]. Provocava muito interesse entre as mulheres, mas duvido que tenha despertado em algum lugar uma paixão forte. Seu aspecto sempre produziu em mim uma impressão comicamente intragável, cujo fundamento, é bem provável, se achasse em sua maneira de falar francês. Mesmo que vivesse já havia vários anos na França, Bellini falava um francês tão ruim que talvez fosse até pior do que o falado na Inglaterra. Eu não deveria caracterizar esse modo de falar com o adjetivo “ruim”: ruim fica bom demais aqui. Na verdade, eu poderia dizer horrível, pecaminoso, apocalíptico. Sim, quando se estava na alta sociedade junto dele, e ele, como um verdugo, arranhava as pobres palavras francesas e expelia impávido seus colossais *coq-à-*

l'âne^[6], pensava-se que o mundo irremediavelmente sucumbiria sob o rugido de um trovão... Um silêncio sepulcral dominava a sala toda; um pânico mortal se pintava, com giz ou cinábrio, em todos os rostos; as mulheres não sabiam se deviam desmaiar ou fugir; os homens olhavam estupefatos suas calças, para se convencer de que de fato ainda as vestiam, e o mais formidável era que esse espanto produzia ao mesmo tempo um desejo de rir convulsivo que mal se deixava reprimir. Por isso, quando se estava na alta sociedade com Bellini, sua proximidade infundia sempre certo temor que, por um encanto terrível, repugnava e atraía ao mesmo tempo. Às vezes, seus involuntários *calembours*^[7] eram apenas divertidos e, por sua grotesca falta de gosto, lembravam o palácio de seu compatriota, o príncipe da Pallagonia, que Goethe descreve em sua *Viagem à Itália* como um museu de incongruências barrocas e monstruosidades reunidas de forma arbitrária. Como Bellini, em tais ocasiões, acreditava ter dito algo de todo inofensivo e sério, seu rosto e suas palavras formavam o mais extravagante contraste. Aquilo que me desagradava em seu rosto destacava-se de maneira tanto mais cortante. Mas o que me desagradava não era algo que pudesse ser designado como um defeito, e devia ser ainda menos desagradável para as damas. O rosto de Bellini, bem como toda a sua aparência, tinha aquele frescor físico, aquela floração carnal cheia de vida, aquela coloração rósea que a mim produziam uma impressão desagradável, a mim, que prefiro bem antes o mortal e o marmóreo. Só muito mais tarde, quando já conhecia Bellini havia tempo, senti por ele alguma inclinação. E isso se produziu sobretudo quando me dei conta de que seu caráter era verdadeiramente nobre e bom. Sua alma se manteve, com certeza, limpa e imaculada de todos os contatos perniciosos. Tampouco lhe faltava a inocente bondade, a infantilidade que jamais falta aos homens geniais, ainda que ela não seja perceptível a todo mundo.

— Sim, eu me recordo — prosseguiu Maximilian, enquanto se sentava na poltrona sobre cujo espaldar se apoiara até agora —, eu

me recordo de um momento em que Bellini me apareceu sob uma luz tão amável que o contemplei com prazer e me propus a conhecê-lo mais de perto. Mas foi, infelizmente, a última vez que eu o veria nesta vida. Foi numa noite, depois de termos jantado juntos e convivido com serenidade na casa da grande dama que tinha o menor pé de Paris, enquanto no *pianoforte* soavam as mais doces melodias... Eu ainda o vejo, o bondoso Bellini, quando ele, enfim esgotado dos muitos e extravagantes *bellinismos* que palavreara, se sentou a uma poltrona... Essa poltrona era muito baixa, quase uma banquetta, e Bellini ficou meio acorado aos pés de uma bela dama, que se reclinou num sofá diante dele, olhando-o de cima a baixo com doce malícia, enquanto ele se esforçava para entretê-la com sua conversa, vendo-se constantemente obrigado a comentar o que acabava de dizer em seu jargão siciliano, para provar que não havia sido nenhuma tola observação, mas, ao contrário, a mais fina lisonja. Creio que a bela dama mal escutava a conversa de Bellini; ela havia lhe tirado das mãos sua varinha espanhola, que ele às vezes usava para tentar ajudar sua débil retórica, e a empregava em destruir com tranquilidade a construção de anéis que o jovem maestro ostentava em ambas as têmporas. Essa ocupação traquinas valia, sem dúvida, aquele sorriso, que dava a seu rosto uma expressão como eu jamais vi num semblante humano vivo. Jamais esse rosto saiu de minha memória! Era um daqueles rostos que parecem pertencer mais ao reino de sonhos da poesia que à crua realidade da vida; eram contornos que faziam lembrar Da Vinci, aquele oval nobre com as covinhas ingênuas na face e o queixo sentimentalmente afilado da escola lombarda. A coloração mais suave e românica, brilho de pérola apagado, palidez distinta e grande morbidez. Em suma, era um rosto como os que só se encontram nos velhos retratos italianos, como os daquelas grandes damas pelas quais se enamoravam os artistas italianos do século XVI, quando criavam suas obras-primas, nas quais pensavam os poetas daqueles tempos, quando as cantavam em versos imortais;

rostos pelos quais os guerreiros alemães e franceses alimentavam desejosas saudades, quando cingiam as espadas e se precipitavam atravessando os Alpes, em busca de glória... Sim, sim, era um rosto assim, sobre o qual brincava um sorriso da mais doce perversidade e da mais distinta malícia, enquanto ela, a bela dama, com a ponta da varinha espanhola destruía a construção de cachos loiros de Bellini. Nesse momento, Bellini me parecia como que tocado por uma varinha de condão, como que transformado em uma figura amiga e se tornava, de vez, caro a meu coração. Seu rosto brilhava ao reflexo daquele sorriso; era, talvez, o momento mais florescente de sua vida... Eu jamais haverei de esquecê-lo... Catorze dias depois eu li no jornal que a Itália havia perdido um de seus mais gloriosos filhos!

Notável! Ao mesmo tempo se anunciou também a morte de Paganini. Dessa morte não duvidei sequer um momento, já que o velho e lívido Paganini sempre teve o aspecto de um moribundo; mas a morte do jovem e rosado Bellini me pareceu inacreditável. E, todavia, a notícia da morte do primeiro não era mais que um erro jornalístico, Paganini vive fresco e saudável em Gênova e Bellini está enterrado em Paris!

— O senhor gosta de Paganini? — perguntou Maria.

— Esse homem — respondeu Maximilian — é uma honra para sua pátria e certamente merece a menção mais insigne quando se quer falar dos notáveis músicos da Itália.

— Eu nunca o vi — observou Maria. — Segundo a fama, no entanto, sua aparência não satisfaz de forma plena ao senso de beleza. Eu vi retratos dele...

— E nenhum se parece com ele — interrompeu Maximilian —; eles o enfeiam ou o embelezam, jamais reproduzem seu verdadeiro caráter. Creio que apenas um homem conseguiu colocar sobre o papel a verdadeira fisionomia de Paganini; é um pintor surdo, chamado Lyser, que, em sua espirituosa loucura, acertou com poucos traços tão bem a cabeça de Paganini que a verdade do

desenho assusta e faz rir ao mesmo tempo. “O diabo guiou minha mão”, disse-me o pintor surdo, rindo à socapa, cheio de mistério e inclinando ironicamente a cabeça, como aliás sói fazer em suas travessuras geniais. Esse pintor sempre foi um tipo esquisito; apesar de sua surdez, amava a música com todo o entusiasmo e, ao que se dizia, quando estava próximo o suficiente da orquestra, era capaz de ler a música no rosto dos músicos e julgar a qualidade da execução pelo movimento de seus dedos; também escrevia crítica de ópera em um famoso jornal de Hamburgo. Mas o que há propriamente nisso para admirar? Nos signos visíveis da execução, o pintor surdo podia ver as notas. Há, desde sempre, homens aos quais as notas, elas mesmas, não são senão signos invisíveis nos quais eles ouvem cores e figuras.

— O senhor é um desses homens! – exclamou Maria.

— É um pesar já não possuir mais o pequeno desenho de Lyser; ele talvez concedesse à senhora uma ideia da aparência de Paganini. Apenas em traços fugidios de preto vivo podiam ser abarcadas aquelas feições fabulosas, que pareciam pertencer mais ao reino sulfuroso das sombras do que ao mundo ensolarado da vida. “Realmente, o diabo guiou minha mão”, assegurou-me o pintor surdo quando estávamos parados ante o pavilhão de Alster, em Hamburgo, no dia em que Paganini dava lá seu primeiro concerto. “Sim, meu amigo”, prosseguiu ele, “é verdade o que todo mundo afirma, que ele se vendeu ao diabo, corpo e alma, a fim de se tornar o melhor violinista, para juntar milhões no toque de sua arte, e para se livrar da maldita galera em que vivera atormentado já havia muitos anos. Pois, meu amigo, quando ele era diretor de orquestra em Lucca, enamorou-se de uma princesa do teatro, teve ciúmes de um abadezinho qualquer, chegou talvez a se tornar *cocu*^[8], apunhalou em bom italiano sua amada infiel, foi condenado às galeras em Gênova e, conforme dito, ao fim e ao cabo se vendeu ao diabo para se libertar e ser o melhor violinista do mundo e poder impor, esta noite, a cada um de nós, um saque de 2 táleres^[9]... Mas

vede só! Todos os bons espíritos louvam a Deus! Vede, lá na avenida vem o próprio, com seu criado suspeito!”.

Com efeito, era Paganini em pessoa, que enfim aparecia à minha vista. Vestia um sobretudo cinza-escuro que lhe chegava até os pés e fazia sua figura parecer bem alta. O cabelo longo e negro caía em cachos desordenados pelos ombros, emoldurando o rosto pálido e cadavérico, no qual preocupação, gênio e tormentos infernais haviam lavrado desenhos inapagáveis. Junto a ele dançava uma figura baixa e agradável, graciosa e prosaica: rosto rosado e enrugado, casaquinho cinza-claro com botões de aço, que saudava, insuportavelmente amistososo, em todas as direções e às vezes olhava, cheio de timidez cuidadosa, para a figura sombria que seguia a seu lado, séria e meditabunda. Era como ver o quadro de Retzsch, no qual Fausto aparece passeando com Wagner ante os portões de Leipzig. Mas o pintor surdo comentou as duas figuras a seu modo extravagante e me fez notar em particular o amplo passo rítmico de Paganini. “Não é”, disse ele, “como se ele ainda trouxesse a barra de ferro das galés entre as pernas? Ele se habituou a esse passo para sempre. Percebei também com que desdém irônico ele olha às vezes seu acompanhante, quando este o molesta com suas perguntas prosaicas; mas não pode prescindir dele, um contrato de sangue o liga a esse servo, que não é outro senão o próprio Satã. Claro que o povo ignorante pensa que esse acompanhante é um escritor de anedotas e comédias, Harry, de Hannover, que Paganini leva consigo em suas viagens para administrar os assuntos de dinheiro em seus concertos. O povo não sabe que o diabo apenas tomou a figura do senhor Georg Harry e que a desditosa alma desse pobre homem está encerrada em Hannover, num caixão, ao lado de outros farrapos humanos, até que o diabo lhe devolva sua envoltura carnal para que possa, talvez, acompanhar seu mestre Paganini pelo mundo em mais uma figura mais digna, como a de um poodle negro^[10]”.

Se Paganini me pareceu incrivelmente fabuloso e excêntrico quando o vi caminhar entre as árvores verdes da Jungfernstieg de Hamburgo em plena tarde de sol, foi ainda maior meu espanto à noite, no concerto, com seu aspecto horripilante e bizarro. A Casa de Comédias de Hamburgo foi o palco desse concerto, e o público amante das artes ocupava em tal número os assentos, já desde muito cedo, que a muito custo logrei conquistar um lugarzinho para mim junto à orquestra. Ainda que fosse dia de correio, vi na primeira fila de cadeiras todo o culto mundo dos negócios, todo um Olimpo de banqueiros e outros milionários, os deuses do café e do açúcar ao lado de suas gordas deusas conjugais, Junos da Rua Wandrahm e Afrodites da Avenida Dreckwall^[11]. Um silêncio religioso tomava conta da sala. Cada olhar estava direcionado à cena. Cada ouvido se preparava para ouvir. Meu vizinho, um negociante de peles, tirou uns sujos algodões dos ouvidos para poder absorver melhor as preciosas notas que custaram 2 táleres de entrada. Mas por fim apareceu à vista, no palco, uma figura escura, que parecia ter se levantado do mais fundo subterrâneo. E era Paganini em seu traje de gala negro: fraque negro e colete negro de corte horroroso, como talvez lhe prescrevia a etiqueta infernal da corte de Proserpina; as calças negras que lhe caíam, largas e temerosas, pelas pernas finas. Os braços longos pareciam ainda mais longos quando, segurando o violino em uma das mãos e o arco abaixado na outra, com o qual quase tocava a terra, ele se debulhava ao público em inauditas reverências. Nos contornos angulosos de seu corpo havia uma rigidez horripilante de madeira e, ao mesmo tempo, algo estúpido e animal, que nos dava uma vontade notável de rir daquelas medidas todas; seu rosto, contudo, que parecia ainda mais branco e cadavérico com a forte iluminação do palco, tinha uma expressão tão suplicante, algo tão estúpido e humilde, que uma compaixão tremenda logo sufocava nosso desejo de rir. Havia aprendido essas saudações de um autômato ou de um cão? Esse olhar suplicante era o de um enfermo moribundo ou por acaso

espiava atrás dele o escárnio de um avaro esperto? Era um vivente a ponto de expirar que ia divertir o público na Arena da Arte com suas convulsões, como um esgrimista moribundo? Ou era um morto que se levantara do túmulo, um vampiro com o violino que, se não sorve o sangue de nosso coração, em todo caso bebe o dinheiro de nossos bolsos?

Perguntas assim atravessavam as mentes de todos, enquanto Paganini executava suas intermináveis reverências; mas tais pensamentos cessaram subitamente quando o mestre maravilhoso assentou o violino junto ao queixo e começou a tocar. No que se refere a mim, já conhece o outro lado de minha fixação por música, a aptidão que possuo de ver a respectiva figura sonora em cada nota que ouço soar; e assim sucedeu que, a cada movimento de seu arco, Paganini punha diante de meus olhos imagens e situações visíveis e, numa escritura das mais plásticas, feita de sons, me contava todo gênero de histórias estridentes que desfilavam à minha frente num colorido jogo de sombras, no qual ele mesmo, tocando seu violino, agia como protagonista. Já no primeiro movimento de seu arco a decoração do ambiente havia se transformado; em seu púlpito musical ele parecia de repente estar em uma sala clara, alegre e desordenadamente decorada, com móveis cheios de arabescos, de estilo Pompadour; por todos os lados, pequenos espelhos, anjinhos dourados, porcelana chinesa, um caos encantador de fitas, guirlandas de flores, luvas brancas, cordões de seda rasgados, pérolas falsas, diademas de latão e outras ninharias religiosas, que soem ser encontradas no camarim de uma primadona. A aparência de Paganini também havia se modificado, e com vantagens para ele; agora vestia calças curtas de seda lisa lilás, um colete branco com bordados de prata, uma casaca de veludo azul-claro com botões dourados e trazia o cabelo cuidadosamente penteado em pequenos cachos rodeando seu rosto, que florescia jovem e rosado e brilhava de doce ternura, quando, tocando o violino, ele piscava para a bela daminha ao lado dele.

Com efeito, a seu lado eu via uma jovem e bela criatura, vestida à moda antiga, a echarpe branca estufada abaixo dos quadris, o talhe encantador e esbelto, os cabelos empoados e penteados para cima, o belo rosto redondo brilhando alegre com seus olhos faiscantes, com suas bochechas pintadas e um narizinho impertinente e suave. Na mão, ela carregava um rolo de papel branco e, a julgar tanto pelos movimentos de seus lábios quanto pela oscilação coquete do pequenino torso, parecia cantar; mas eu não percebia nenhum de seus trinados e, apenas graças ao violino, com o qual o jovem Paganini acompanhava a encantadora criança, eu adivinhava o que ela cantava e o que o mestre sentia em sua alma ao ouvi-la cantar. Oh! Eram melodias como as que o rouxinol flauteia ao entardecer, quando o perfume das rosas embriaga de nostalgia o seu coração, evocador da primavera! Oh! Era uma bem-aventurança deliciosa e voluptuosamente lânguida! Eram notas que se beijavam, que se afastavam amuadas e voltavam a se abraçar enfim, rindo, para se extinguir fundidas numa união embriagada. Sim, as notas praticavam um jogo sereno, como borboletas, quando se evitam uma à outra de modo provocador, escondendo-se atrás de uma flor e por fim se apanham e ambas, levianamente ditosas, esvoaçam juntas na luz dourada do sol. Mas uma aranha, uma aranha negra pode encaminhar subitamente um trágico destino a essas borboletas enamoradas. Pressentia-o aquele jovem coração? Uma nota melancolicamente suspirante, como que o pressentimento de um infortúnio se aproximando às furtadelas, deslizava com suavidade pelas encantadoras melodias que irradiavam do violino de Paganini... Seus olhos ficavam úmidos... Cheio de devoção, ele se ajoelhava diante de sua amada... Mas, ah! Ao se curvar para beijar-lhe os pés, eis que vê debaixo da cama um pequeno abade! Não sei o que ele poderia ter contra o pobre homem, mas o genovês ficou pálido como a morte e agarrou o pequeno com mãos furiosas, deu-lhe várias bofetadas, assim como um número considerável de

pontapés, atirando-o logo porta afora; em seguida, puxou um longo estilete do bolso e o cravou no peito da jovem beldade...

Mas, nesse momento, ressoaram por todos os lados clamores de: Bravo! Bravo! Homens e mulheres entusiasmados de Hamburgo tributavam seu mais estrepitoso aplauso ao grande artista que acabava de terminar a primeira parte de seu concerto. E ele se inclinava com ainda mais ângulos e curvaturas do que antes. Em seu rosto, quis me parecer, gania naquele momento uma humildade ainda mais suplicante do que antes. Em seus olhos se fixou um temor terrível, como o de um pobre pecador.

“Divino!”, exclamou meu vizinho, o negociante de peles, enquanto se coçava nas orelhas, “só esta peça já vale os 2 táleres”.

Quando Paganini recomeçou a tocar, tudo ficou sombrio ante meus olhos. As notas não se transformavam em formas e cores claras; a figura do mestre muito antes se envolvia em sombras densas, de cuja obscuridade ressoava uma música com as mais cortantes notas de lamento. Só às vezes, quando uma lamparina que pendia sobre ele lançava sua luz miserável sobre seu rosto, eu via sua pálida feição, da qual a juventude não havia se extinguido ainda. Seu traje era singular, dividido em duas cores, amarela e vermelha. Em seus pés pesavam grossas correntes. Atrás do artista se movia um rosto cujos rasgos indicavam os de um jucundo bode, cujas mãos longas e peludas eu às vezes via segurar diligentemente as cordas do violino no qual Paganini tocava. Tais mãos, em alguns momentos, dirigiam a mão do artista, com a qual ele segurava o arco, e um riso de aplauso que soava como um balido acompanhava então as notas, que brotavam do violino cada vez mais dolorosas e sangrentas. Eram notas semelhantes ao cântico dos anjos caídos que haviam bulido com as filhas da terra e, expulsos do reino dos bem-aventurados, com os rostos afogueados de vergonha, descera para o submundo. Notas em cuja profundidade espantosa não cabia nem consolo nem esperança. Quando os santos dos céus ouvem semelhante música, deixam

morrer o louvor de Deus em seus lábios empalidecidos e escondem, chorosos, suas cabeças piedosas! Às vezes, quando nos tormentos melódicos dessa música soava o resmungo do balido cascadeante do bode, eu via, ao fundo, uma multidão de pequenas figuras de mulher que balançavam alegres e malignas suas horríveis cabeças, coçando com os dedos cruzados seu rosto com uma perversidade cheia de troça. Logo começaram a sair do violino gritos temerosos, suspiros horríveis e um soluçar que nunca se havia ouvido na terra e como talvez nunca mais se volte a ouvir, salvo talvez no vale de Josafá, onde ressoam as trombetas colossais do juízo final e os cadáveres nus saem se arrastando de suas tumbas para aguardar seus destinos... De repente, porém, o atormentado violinista fez um movimento, um movimento tão loucamente desesperado que suas correntes se romperam com estrépito e seu sinistro ajudante desapareceu, acompanhado das mulheres escarnecedoras.

Nesse momento meu vizinho, o negociante de peles, disse: “Pena, pena, rompeu-se uma corda, isso é culpa do *pizzicato* contínuo por demais!”.

A corda do violino havia de fato se rompido? Eu não sei. Só notei a transfiguração das notas e me pareceu de repente que Paganini e os que o rodeavam se haviam transformado completamente. Ele, eu mal podia reconhecer em seu pardo hábito de monge que, mais que vesti-lo, ocultava-o. Feição selvagem, meio tapada pelo capuz, uma corda na cintura, descalço, figura obstinada e solitária, Paganini estava de pé, tocando violino sobre uma rocha que adentrava o mar. Ao que me parecia, era a hora do crepúsculo; o poente cobriu as largas vagas do mar que se tornavam cada vez mais vermelhas e as ondas soavam, mais e mais solenes, em misterioso acorde com as notas do violino. Quanto mais o mar se avermelhava, contudo, tanto mais empalidecia o céu; e quando, enfim, as águas alvorotadas se assemelhavam a sangue do mais escarlata, o céu adquiriu uma claridade espectral, uma brancura cadavérica, e, grandes e ameaçadoras, brotavam nele as estrelas... Eram estrelas negras,

negras como carvões brilhantes. Mas as notas do violino se faziam cada vez mais tempestuosas e ousadas, e nos olhos do espantoso músico cintilava um afã de destruição tão escarnecedor, e seus lábios finos se moviam de modo tão terrivelmente rápido que pareciam murmurar fórmulas de encantamento infames e ancestrais, com as quais se conjura a tempestade e se desencadeiam aqueles maus espíritos, presos nos abismos do mar. Às vezes, quando o braço nu saía, comprido e magro, de dentro da manga do hábito largo movendo o arco nos ares, Paganini parecia de fato um bruxo que, com o bastão encantado, dava ordens aos elementos e, então, saíam das profundidades do mar uns uivos tão enlouquecidos e as horríveis ondas de sangue saltavam tão violentas para o alto que quase respingavam o céu pálido e as estrelas negras com sua espuma vermelha. Aquilo uivava, guinchava, estalava, como se o mundo quisesse se quebrar em pedaços, e o monge seguia obstinado, tocando seu violino. Queria romper com o poder de sua vontade frenética os sete selos com os quais Salomão havia selado os vasos de ferro, depois de ter encerrado neles os demônios vencidos. O sábio rei mergulhou no mar aqueles vasos e eu cria perceber as vozes dos espíritos encerrados neles, enquanto o violino de Paganini trovejava encolerizadas notas de baixo profundo. Ao fim e ao cabo, acreditei perceber algo como o júbilo da libertação e vi como emergiam das ondas sangrentas as cabeças dos demônios desencadeados: monstros de fabulosa feiura, crocodilos com asas de morcego, serpentes com chifres de veado, macacos com chapéus de conchas, focas com barbas patriarcalmente longas, rostos de mulher com seios no lugar das faces, cabeças verdes de camelo, criaturas mescladas de composição indescritível, todas com olhos de uma frieza inteligente, fixos, e com longas garras dirigidas ao monge violinista... A este, contudo, em meio à fúria de suas conjurações, caiu o capuz, e os cabelos encaracolados, esvoaçando ao vento, cingiram sua cabeça como serpentes negras.

Aquela visão era de tal modo desconcertante que, para não enlouquecer, tapei os ouvidos e cerrei os olhos. Imediatamente desapareceu a fantasmagoria, e, quando abri os olhos outra vez, só vi o pobre genovês em sua figura comum, retouçando suas habituais reverências, enquanto o público aplaudia, encantadíssimo.

“De modo que esta é a famosa peça em uma só corda”, comentou meu vizinho. “Eu também toco violino e sei o que significa conseguir dominar assim esse instrumento.” Felizmente, o intervalo não foi longo, pois, do contrário, o musical conhecedor de peles teria me amofinado com uma longa conversa sobre arte.

Paganini voltou a assentar com tranquilidade seu violino junto ao queixo e, com o primeiro rasgo de seu arco, tornou a principiar a maravilhosa transfiguração das notas. Elas agora não apareciam em cores tão vivas e contornos tão destacados, mas se desenvolviam calmas, majestosamente onduladas e tumefeitas, como as de um coral de órgão numa catedral; e tudo ao redor havia se estendido, cada vez mais distante e mais alto, formando um espaço colossal que não podia ser abarcado pelos olhos do corpo, mas apenas pelos olhos do espírito. No meio desse espaço pairava uma esfera luminosa sobre a qual se alçava, gigantesco e altaneiro, um homem que tocava o violino. Essa esfera era o sol? Eu não sei. Porém nas feições do homem reconheci Paganini, embelezado de modo ideal, celestialmente iluminado e sorrindo, pleno de reconciliação. Seu corpo florescia na mais rija masculinidade, um traje azul-claro rodeava os membros nobres, sobre seus ombros o cabelo negro caía em cachos brilhantes, e, assim parado, firme e certo, como uma sublime imagem de Deus, tocando seu violino, parecia que a criação inteira obedecia a suas notas. Era o homem-planeta, em torno do qual se movia o universo, com toda a sua comedida solenidade e em ritmos sublimes. Essas grandes luzes, que com seu brilho sereno pairavam em torno dele, seriam as estrelas do céu? E aquela harmonia sonora que surgia de seus movimentos seria por acaso a música das esferas, sobre a qual poetas e

visionários têm contado tantas coisas arrebatadoras? Às vezes, quando eu olhava com esforço nas lonjuras do crepúsculo, acreditava ver muitas túnicas amplas e brancas, dentro das quais caminhavam, disfarçados, peregrinos colossais com bastões brancos nas mãos, e, singular!, os castões dourados daqueles bastões eram justamente aquelas grandes luzes que eu havia tomado por estrelas. Os peregrinos giravam em círculo amplo em torno do grande músico, e das notas de seu violino brilhavam cada vez mais claros os castões dourados de seus bastões, e os corais que ressoavam de seus lábios e que eu havia tomado pela música das esferas eram apenas o eco perdido daquele violino. Um fervor indizível e sagrado habitava nesses sons, que tremiam às vezes, e, mal eram ouvidos, como murmúrios secretos sobre a água, logo se dilatavam, docemente estremecidos, como toques de corneta ao luar, lançando-se enfim com júbilo desenfreado, como se mil bardos tocassem ao mesmo tempo as cordas de suas harpas e suas vozes se alçassem a uma canção triunfal. Eram acordes que o ouvido jamais ouve e que só pode sonhar o coração de alguém quando descansa à noite sobre o coração da amada. Talvez o coração também os compreenda num dia claro e luminoso, quando se submerge com todo o júbilo nas belas linhas ovais de uma obra de arte grega...

— Ou quando se bebeu uma garrafa de champanhe a mais! — deixou-se ouvir, de repente, uma voz risonha, que despertou nosso narrador como que de um sonho. Quando ele se virou, viu o doutor que, na companhia da negra Débora, entrou silenciosamente no quarto para se informar do efeito de seu remédio sobre a enferma.

— Esse sono não me agrada — falou o doutor, apontando para o sofá.

Maximilian, que, imerso nos fantasmas da própria conversa, não percebera que Maria já adormecera havia tempo, mordeu os lábios, vexado.

— Esse sono – prosseguiu o doutor – empresta ao rosto dela o caráter da morte. Já não está parecendo uma daquelas máscaras brancas, aquelas máscaras de gesso em que nos esforçamos por conservar as feições dos mortos?

— Eu gostaria – cochichou Maximilian em seu ouvido – de conservar uma máscara dessas do rosto de nossa amiga. Mesmo morta ela ainda será extremamente bela.

— Não aconselho ao senhor fazê-lo – replicou o doutor. — Semelhantes máscaras tiram o gosto da recordação de nossos entes queridos. cremos que esses gessos contêm algo de sua vida e o que guardamos de fato é apenas a própria morte. Feições regularmente belas adquirem uma rigidez algo terrível, sarcástica, fatal, que mais nos espantam que nos alegram. Verdadeiras caricaturas são essas máscaras de gesso quando se trata de rostos cujo encanto era mais de caráter espiritual, cujas feições eram mais interessantes do que regulares; pois, tão logo as graças da vida se extinguiram neles, os reais desvios das linhas ideais de beleza já não estarão compensados por encantos espirituais. Mas é comum a todos esses rostos de gesso certo rasgo enigmático que nos enregela a alma do modo mais insuportável quando os consideramos um pouco mais longamente; todos parecem pessoas que estão a ponto de dar um passo difícil.

— Para onde? – perguntou Maximilian quando o doutor pegou seu braço e o conduziu para fora do quarto.

SEGUNDA

SEGUNDA

SEGUNDA

SEGUNDA

NOTA

— E por que o senhor quer me atormentar com esse horrível remédio, se de qualquer forma morrerei tão logo!

Maria tinha acabado de dizer essas palavras no momento em que Maximilian entrava no quarto. Diante dela estava o médico, com um frasco de remédio em uma das mãos e, na outra, uma taça pequena com uma essência parda que espumava repulsivamente.

— Caríssimo amigo — exclamou ele enquanto se virava para aquele que entrava —, sua presença me é muito bem-vinda neste momento. Procure convencer a *signora* a tomar apenas essas poucas gotas; eu tenho pressa.

— Eu lhe peço, Maria! — sussurrou Maximilian com aquela voz suave que não se notava nele com muita frequência e que parecia brotar de um coração tão ferido que a enferma, singularmente tocada, quase esqueceu o próprio sofrimento, tomando a taça nas mãos; quando a dirigia à boca, no entanto, disse sorrindo:

— É verdade que como recompensa o senhor me contará também a história da Laurenzia?

— Tudo o que desejar irá acontecer! — assentiu Maximilian.

A pálida mulher bebeu, meio sorridente, meio estremecida, o conteúdo da taça.

— Tenho pressa — disse o médico enquanto punha suas luvas pretas. — Deite-se calmamente, *signora*, e mova-se o menos possível. Tenho pressa.

Acompanhado pela negra Débora, que lhe iluminava o caminho, o médico deixou o aposento. Quando os dois amigos ficaram a sós,

olharam-se em silêncio por longo tempo. Em ambas as almas surgiam pensamentos que cada qual tratava de dissimular ao outro. Mas a mulher segurou de repente a mão do homem e a cobriu de beijos ardentes.

— Pelo amor de Deus — disse Maximilian —, não se agite dessa maneira e volte a se deitar com toda a calma no sofá.

Quando Maria lhe obedeceu, ele envolveu com cuidado seus pés no xale, não sem antes tocá-lo de leve com os lábios. Ela havia notado, sem dúvida, pois seus olhos sorriram, satisfeitos, como os de uma criança feliz.

— *Mademoiselle* Laurence era muito bonita?

— Se a senhora não me interromper, cara amiga, e prometer me ouvir em completo silêncio e com tranquila paciência, contarei, com todos os detalhes, tudo o que a senhora desejar saber.

Sorrindo com afeto ao olhar afirmativo de Maria, Maximilian sentou-se na poltrona postada diante do sofá e começou sua narração desta maneira:

— Faz oito anos que viajei a Londres a fim de conhecer a língua e o povo daquele país. Que o diabo carregue o povo junto com sua língua! Metem uma dúzia de palavras monossilábicas na boca, mastigam-nas, amassam-nas e voltam a cuspi-las para fora e a isso querem chamar de falar! Felizmente são, por natureza, bastante calados, e, mesmo que nos olhem sempre de boca aberta, poupam-nos de longas conversações. Mas aí de nós que caímos nas mãos de um filho de Álbion^[12] que tenha feito a grande viagem e aprendido francês no continente. Ele quererá aproveitar sem perda de tempo a ocasião para exercitar os conhecimentos linguísticos adquiridos e nos cobrirá de perguntas sobre todos os temas possíveis, e, mal se respondeu a uma pergunta, virá correndo com outra ou sobre nossa idade, ou sobre nossa pátria, ou sobre a duração de nossa estada, e, com essas incessantes inquisições, acredita nos entreter da melhor maneira possível. Um de meus amigos de Paris talvez tenha razão quando diz que os ingleses

aprendem seu francês no *bureau des passeports*. A mais útil é a sua conversação à mesa, quando trincham seus colossais rosbifes e, com as caras mais sérias do mundo, nos perguntam qual pedaço preferimos, se pouco ou muito assado, se do miolo ou da superfície, se gordo ou se magro. Esses rosbifes e seus assados de carneiro são tudo o que eles têm de bom. Mas que o céu guarde todos os cristãos de seus molhos, feitos com uma terça parte de farinha e dois terços de manteiga, ou, para variar, de um terço de manteiga e dois terços de farinha. O céu guarde também todos de seus ingênuos legumes que, cozidos na água tal como Deus os criou, são levados à mesa. Ainda mais horríveis que a cozinha dos ingleses são seus brindes e discursos forçados, quando a toalha é recolhida, as damas se retiram da mesa e são substituídas por outras tantas garrafas de vinho do Porto... pois essa é, na opinião deles, a melhor maneira de preencher a ausência do belo sexo. Digo o “belo sexo”, pois as inglesas merecem este nome. Têm corpos esbeltos, brancos e belos. Apenas o desmedido espaço entre o nariz e a boca, que nelas é tão frequente como entre os homens ingleses, muitas vezes me fez perder o gosto pelos mais belos rostos na Inglaterra. Esse desvio do tipo ideal de beleza me parece ainda mais fatídico quando vejo os ingleses aqui na Itália, onde seus narizes pesadamente comedidos e o largo espaço que se estica abaixo deles até a boca formam um contraste tanto mais acentuado com os rostos dos italianos, cujas feições ostentam uma regularidade antiga, cujos narizes ou são romanos ou são gregos, e não poucas vezes resultam em rostos expressivos. É muito acertada a observação de um viajante alemão segundo a qual os ingleses, quando vistos entre italianos, parecem todos estátuas das quais se decepou a ponta do nariz.

Sim, apenas quando encontramos ingleses num país estrangeiro é que, pelo contraste, podemos ver mais nitidamente seus defeitos. São os deuses do aborrecimento que correm por todos os países em seus carros cintilantes e envernizados e em todos os lugares

deixam atrás de si uma nuvem de pó cinzenta e cheia de tristeza. Acrescente-se a isso sua curiosidade sem interesse, sua polida grosseria, sua descarada estupidez, seu egoísmo saliente e sua alegria desolada por todos os objetos melancólicos. Já há três semanas pode-se ver todos os dias aqui na Piazza del Gran Duca um inglês que contempla horas inteiras de boca aberta aquele charlatão que, montado a cavalo, arranca os dentes das pessoas. Esse espetáculo talvez pague sem prejuízos as execuções que o nobre filho de Álbion perde em sua querida pátria... Depois do boxe e das brigas de galo, não há visão mais deliciosa para um britânico do que a agonia de um pobre-diabo que roubou uma ovelha ou falsificou uma assinatura e fica exposto durante uma hora inteira ante a fachada de Old Baylie com uma corda no pescoço antes de ser arremessado para a eternidade. Não é nenhum exagero se digo que naquele país terrivelmente cruel o roubo de uma ovelha e a falsificação são castigados da mesma maneira que os mais repugnantes crimes, como o parricídio e o incesto. Eu mesmo vi, em Londres, por uma triste casualidade, um homem ser enforcado por ter roubado uma ovelha e, desde então, perdi todo o apetite por um assado de cordeiro; a gordura me recorda sempre o boné branco do pobre pecador. Ao lado dele foi enforcado um irlandês que havia falsificado a assinatura de um rico banqueiro; sempre vejo o ingênuo pânico de morte do pobre Paddy diante dos jurados; ele não conseguia compreender que, por uma assinatura imitada, se castigava com tanta dureza, e logo a ele, que permitiria a qualquer humano imitar sua letra! E esse povo fala sem parar em cristianismo, não deixa de ir à igreja em nenhum domingo e inunda o mundo inteiro com suas bíblias.

Devo confessar à senhora, Maria, que se nada na Inglaterra me agrada, nem pessoas nem comidas, a culpa é em parte minha. Cheguei de minha terra com uma boa provisão de mau humor e procurava serena felicidade num povo que só sabe matar seu aborrecimento no redemoinho da atividade política e mercantil. A

perfeição das máquinas que lá se aplicam em toda parte e tomam a seu cargo muitas funções antes reservadas aos homens tinha para mim algo de sinistro. Esse mecanismo artificial de rodas, eixos, cilindros e milhares de pequenos ganchinhos, cravinhos e dentinhos que se moviam quase com paixão me enchia de horror. A definição, a exatidão, a medida e pontualidade na vida dos ingleses não me inquietavam menos; pois, assim como as máquinas nos parecem homens na Inglaterra, os homens nos parecem máquinas. Sim, lá a madeira, o ferro e o latão parecem ter usurpado o espírito aos homens e, por excesso de espírito, quase se tornaram dementes, enquanto o homem, desespirtualizado, realiza seus negócios habituais como um fantasma oco, completamente maquinizado, e, na hora marcada com a maior precisão, devora suas bistecas, pronuncia discursos parlamentares, faz suas unhas, monta no Stage-Coach ou se enforca.

Pode bem imaginar como aumentava dia a dia meu mal-estar naquele país. Mas nada é comparável à negra disposição que se apoderou de mim num entardecer quando, parado sobre a ponte de Waterloo, olhava para as águas do Tâmis. Era como se minha alma se refletisse nele, alma que parecia me olhar da água, com todas as suas cicatrizes... Nesses momentos, surgiam em minha memória as mais dolorosas histórias... Pensava naquela rosa que, havendo sempre sido regada com vinagre, perdeu seus mais doces aromas e murchou prematuramente. Pensava na borboleta extraviada que um naturalista viu em Montblanc voejando completamente sozinha entre as paredes de gelo. Pensava na macaca domesticada que já confiava tanto nos homens que brincava com eles, comia com eles, mas um dia reconheceu no assado sobre a mesa, deitado dentro da bacia, seu próprio macaquinho, segurou-o às pressas e se foi com ele para o bosque e nunca mais se deixou ver entre seus amigos, os homens. Ah! Eu me sentia tão amargurado e triste que lágrimas quentes brotaram cheias de ímpeto de meus olhos... Elas caíram no Tâmis e

nadaram para longe em direção ao mar, que já engoliu tantas lágrimas humanas sem nem mesmo perceber!

Foi nesse momento que uma música singular me despertou de meus sonhos soturnos e, ao olhar em volta, vi na margem um agrupamento de pessoas que pareciam haver formado círculo diante de algum espetáculo divertido. Acerquei-me e pude ver uma família de artistas composta pelas seguintes quatro pessoas:

Em primeiro lugar, uma mulher gorda e baixota, toda vestida de preto, que tinha uma diminuta cabeça e uma barriga formidavelmente saliente. Sobre essa barriga estava pendurado um tambor monstruosamente grande, no qual ela batia com implacável constância.

Em segundo lugar, um anão que, como um marquesinho francês fora de moda, vestia um traje bordado, tinha uma cabeça grande e empoada, pernas e braços muito finos e pequenos, e saracoteava para cá e para lá, fazendo reverências e golpeando um triângulo.

Em terceiro lugar, uma moça jovem com perto de 15 anos, que vestia uma jaqueta de seda listrada de azul, curta e acinturada, e pantalonas largas, também listradas de azul. Era uma figura graciosa, agradável e bem-feita. Rosto de uma beleza grega. Nariz nobre e reto, lábios amavelmente modelados, queixo sonhador e suavemente arredondado, tez amarelo-dourada, cabelos de um negro brilhante, rodeando as têmporas em sinuosidades bem desenhadas; assim estava ela, esbelta e séria, até mesmo mal-humorada, olhando a quarta pessoa do grupo, que naquele momento exibia suas habilidades artísticas.

Essa quarta pessoa era um cão sábio, um poodle dos mais promissores, que tinha, para grande regozijo do público inglês, acabado de compor com umas letras de madeira que lhe haviam dado o nome de Lorde Wellington, ajuntando-lhe um lisonjeiro adjetivo, a saber, o de herói. E como o cão não era um animal inglês, o que se podia perceber em seu aspecto espirituoso, mas juntamente com as outras três pessoas havia vindo da França, os

filhos de Álbion se regozijavam que seu grande capitão alcançasse, pelo menos junto aos cães franceses, aquele reconhecimento que lhe era recusado, de modo tão lamentável, pelas demais criaturas da França.

De fato, essa sociedade era formada por franceses, e o anão, que se anunciou com o nome de *monsieur* Türlütü, começou a fanfarronar em francês, e com gestos tão apaixonados que os pobres ingleses escancararam suas bocas e narizes ainda mais do que habitualmente. Por vezes, depois de uma frase longa, ele cantava como um galo, e seus quiquiriquis, assim como o nome de muitos imperadores, reis e príncipes, que ele misturava em seu discurso, eram a única coisa que os pobres espectadores compreendiam. Ele se gabava de que aqueles imperadores, reis e príncipes eram seus protetores e amigos. Quando ainda era uma criança de 8 anos, conforme ele garantia, teve uma longa conversa com Sua Majestade Luís XVI, que também mais tarde sempre pedia a ele seus conselhos em circunstâncias importantes. Assim como muitos outros, havia escapado às tempestades da Revolução e apenas sob o Império voltara para a pátria amada a fim de participar da glória da grande nação. Napoleão, dizia ele, nunca o havia amado, mas Sua Santidade o papa Pio VII quase o endeusava. O imperador Alexandre lhe deu bombons e a princesa Guilherma de Kyritz o carregou no colo. Sua Alteza o duque Carlos de Brunsvique o deixava às vezes cavalgar por aí em seus cães, e Sua Majestade o rei Luís da Baviera lhe havia lido suas sublimes poesias. Os príncipes de Reuss-Schleiz-Greiz e de Schwarzburg-Sondershausen o queriam como a um irmão e sempre fumavam do mesmo cachimbo com ele. Sim, desde a infância, dizia, ele vivera entre soberanos; os monarcas atuais haviam se criado com ele, e ele os considerava como seus iguais e se punha de luto cada vez que um deles morria. Depois dessas graves palavras, ele lançou um sonoro quiquiriqui.

Monsieur Türlütü era um dos anões mais curiosos que eu já havia visto; seu rosto velho e enrugado formava um contraste tão engraçado com seu corpinho infantil e magro, e toda a sua pessoa contrastava de forma ainda mais engraçada com as habilidades artísticas que ele demonstrava... Ele se punha nas posturas mais atrevidas e, com uma espada desumanamente grande, cortava o ar à direita e à esquerda, enquanto jurava por sua honra que essa quarta e aquela terça não podiam ser aparadas por ninguém, que, por outro lado, suas paradas não podiam ser atravessadas por nenhum mortal, e que intimava a qualquer um que fazia parte do público a se medir com ele na nobre arte da esgrima. Depois de o anão ter praticado aquele jogo por algum tempo, sem achar ninguém que se decidisse a se bater com ele num duelo aberto, inclinou-se com gentilezas da França antiga, agradeceu os aplausos que foram dedicados a ele e tomou a liberdade de anunciar ao respeitável público o mais extraordinário espetáculo que, à época, poderia ser admirado em solo inglês. “Olhai esta pessoa”, chamou ele, depois de ter vestido luvas glacê bastante sujas e acompanhado até o centro do círculo a jovem mocinha que fazia parte do grupo, cheio de veneranda galantaria, “esta pessoa é *mademoiselle* Laurence, a única filha da respeitável dama cristã que os senhores veem, logo ali, com o imenso tambor, e que ainda agora carrega luto devido à perda de seu esposo muito amado, o maior ventríloquo da Europa! *Mademoiselle* Laurence agora irá dançar! Admirai agora a dança de *mademoiselle* Laurence!”. Depois dessas palavras, ele voltou a largar um sonoro quiquiriqui.

A jovem mocinha não parecia dar a mínima atenção nem a esse discurso nem aos olhares dos espectadores; aborrecida e mergulhada em si mesma, aguardou até que o anão estendesse um grande tapete a seus pés e começasse a tocar outra vez seu triângulo, acompanhado do imenso tambor. Era uma música singular, mescla de resmungos acanhados e voluptuosas cócegas, e eu escutei uma melodia bizarra, pateticamente doida,

melancolicamente atrevida, e ao mesmo tempo da mais singular singeleza. Quando a jovem mocinha começou a dançar, contudo, logo esqueci a música.

Dança e dançarina absorveram quase com violência minha atenção. Não era a dança clássica que encontramos em nossos grandes balés, nos quais, assim como na tragédia clássica, só dominam detalhes afetados e artifícios; não eram aqueles alexandrinos dançados, aqueles saltos declamatórios, aqueles calcanhares antitéticos batendo, aquela nobre paixão que pirueta vertiginosa sobre apenas um pé, de modo que não se vê mais que céu e malhas, nada mais que idealização e mentira. Nada me repugna tanto quanto o balé da grande ópera de Paris, onde se conservou com a maior pureza a tradição dessa dança clássica, enquanto nas demais artes, na poesia, na música e na pintura, os franceses botaram abaixo o sistema clássico. Mas é muito difícil para eles efetuar uma revolução semelhante na dança, a não ser que se decidam a realizar uma revolução análoga à que fizeram na política, recorrendo ao terrorismo e guilhotinando as pernas dos teimosos bailarinos e bailarinas do antigo regime. *Mademoiselle* Laurence não era uma grande dançarina, as pontas de seus pés não eram muito flexíveis, suas pernas não estavam exercitadas para todos os tipos de contorções possíveis, não entendia nada da arte da dança, tal como a ensina Vestris, mas dançava como a natureza prescreve aos homens que dancem: todo o seu ser estava em harmonia com seus passos; não somente seus pés, mas todo o seu corpo dançava, seu rosto dançava... Às vezes ela empalidecia, quase cadavérica, seus olhos se abriam em todo o seu tamanho, espectrais, e em seus lábios oscilavam desejo e dor, enquanto seus cabelos negros, que emolduravam ovalados suas têmporas, se moviam como duas asas de corvo se debatendo. Não era, de fato, uma dança clássica, tampouco uma dança romântica, no sentido que daria à palavra um jovem francês da escola de Eugène Renduel. Essa dança não tinha nada da Idade Média nem de

veneziano, nada de corcunda, nada de macabra... Não havia nela nem luar nem incesto... Era uma dança que não se propunha a divertir com formas externas de movimento, mas tais formas pareciam palavras de uma língua peculiar que queria dizer algo especial. Mas o que dizia essa dança? Eu não podia compreendê-la, apesar da paixão com que se manifestava sua linguagem. Só intuía, às vezes, que se tratava de algo terrivelmente doloroso. Eu, que de modo geral compreendo com tanta facilidade o significado de todas as manifestações exteriores, não conseguia solucionar aquele enigma dançado; e, se eu tateava em vão seu sentido, era por culpa também da música que, sem dúvida de forma intencional, me conduzia por caminhos falsos, procurava confundir-me de modo arteiro, me perturbando sem parar. O triângulo de *monsieur* Türlütü soava tão malicioso às vezes que parecia estar disfarçando o riso. E *madame* Mãe golpeava seu imenso tambor com tanta cólera que seu rosto rebrilhava saindo do tecido nublado do gorro preto como uma luz do norte, vermelha de sangue.

Quando a trupe se afastou outra vez, fiquei um bom tempo parado no mesmo lugar, pensando no que significaria aquela dança. Era uma dança nacional espanhola ou do sul da França? Pelo menos era o que parecia indicar o ímpeto com que a bailarina lançava seu corpinho para cá e para lá e a selvageria com que às vezes lançava para trás sua cabeça, à maneira injuriosamente temerária daquelas bacantes que contemplamos com assombro nos relevos das antigas ânforas. Sua dança tinha algo de indolência embriagada, algo sombrio e irremediável, algo fatal, e nesses momentos ela dançava como o destino. Ou eram fragmentos de uma antiquíssima e perdida pantomima? Ou uma história da vida privada posta a dançar? Às vezes, a mocinha se agachava até o solo, de ouvidos alertas, como se escutasse uma voz que lhe falasse lá de baixo... E então tremia como a folhagem de um álamo, inclinava-se de súbito para o outro lado, descarregava ali seus mais desaforados e extravagantes saltos, voltava a encostar seu ouvido à

terra, ouvia com preocupação ainda maior do que antes, acenava com a cabeça, ficava rubra, tornava-se pálida, estremecia, ficava um instante parada, ereta, como que paralisada, e fazia enfim um movimento como o de alguém que lava as mãos. Era sangue o que ela lavava com tanto cuidado, com tão terrível cuidado de suas mãos? Ao mesmo tempo, lançava ao redor um olhar tão suplicante, tão implorante que fundia a alma... e esse olhar casualmente caía sobre mim.

Passei toda a noite seguinte pensando naquele olhar, naquela dança e no excêntrico acompanhamento; e quando, no dia seguinte, saí a vadiar, como de costume, pelas ruas de Londres, experimentei o vivíssimo desejo de voltar a encontrar a linda dançarina, e afinava os ouvidos tentando escutar em algum lugar o ruído de tambor ou a música do triângulo. Enfim havia achado em Londres algo que me interessava e já não vagueava sem objetivo por suas ruas empedradas de bocejos.

Saía justamente da torre na qual contemplei com atenção o machado com que Ana Bolena foi decapitada, assim como os diamantes da coroa inglesa e os leões, quando voltei a vislumbrar na praça da torre, em meio a um grande círculo de pessoas, *madame* Mãe com o imenso tambor, e a escutar *monsieur* Türlütü cantar como um galo. O cão sábio voltou a formar o nome de Lorde Wellington, o anão exibiu suas terças e quartas invencíveis e *mademoiselle* Laurence voltou a principiar sua maravilhosa dança. Eram os mesmos movimentos enigmáticos, a mesma língua que dizia algo que eu não compreendia, o mesmo modo impetuoso de lançar para trás a bela cabeça, o mesmo modo de ouvir, de rosto colado à terra, o medo, que pretendia acalmar com saltos cada vez mais extravagantes, e outra vez a orelha grudada ao solo, o tremor, a palidez, a rigidez, e também as mãos lavadas do mesmo jeito formidavelmente misterioso e, enfim, o olhar de soslaio suplicante, implorante, que dessa vez pousou sobre mim de modo ainda mais demorado.

Sim, as mulheres, tanto as meninas como as senhoras, logo se dão conta quando atraem a atenção de um homem. Mesmo que *mademoiselle* Laurence, quando não dançava, permanecesse imóvel com o olhar perdido na distância e, quando dançava, às vezes só dirigisse um único olhar ao público, de agora em diante já não seria por pura casualidade o fato de seu olhar se fixar sempre em mim, e, quanto mais amiúde eu a via dançar, mais cheios de significado brilhavam seus olhos, mas também mais incompreensíveis se mostravam. Eu estava como que encantado por aquele olhar e, durante três semanas, andei da manhã à noite pelas ruas de Londres me detendo sempre onde quer que *mademoiselle* Laurence estivesse dançando. Apesar do grande burburinho humano das ruas, eu percebia de longe os sons do tambor e do triângulo, e *monsieur* Türlütü, assim que me via chegar apressado, lançava ao ar seu quiquiriqui amistoso. Sem que eu falasse uma palavra com ele, nem com *mademoiselle* Laurence, nem com *madame* Mãe, nem sequer com o cão sábio, parecia, ao final das contas, que eu fazia parte da companhia. Quando *monsieur* Türlütü recolhia dinheiro, aproximava-se com o mais fino tato e olhava sempre para o lado oposto quando eu jogava em seu chapéu triangular uma moeda de pouco valor. Possuía um porte de fato distinto, que recordava as boas maneiras do passado; era possível perceber no homenzinho que ele havia se criado com monarcas, e por isso era tanto mais desconcertante que, esquecendo-se completa e inapelavelmente de sua dignidade, de quando em vez cantasse como um galo.

Não poderia descrever à senhora quão grande foi o desgosto que senti quando procurei a pequena companhia por três dias em vão, por todas as ruas de Londres, e por fim percebi que ela havia abandonado a cidade. O aborrecimento voltou a me carregar em seus braços de chumbo e a comprimir meu coração. Ao cabo, eu já não podia suportar aquilo, disse adeus à plebe, aos *blackguards*, aos *gentlemen* e aos *fashionables*^[13] da Inglaterra, as quatro

classes do reino, e viajei de volta ao país civilizado e seguro, onde me ajoelhei reverente diante do avental branco do primeiro cozinheiro que lá encontrei. Aqui eu podia voltar a comer ao meio-dia como um homem razoável e refrescar minha alma no conforto de rostos desprovidos de egoísmo. Mas não pude jamais esquecer *mademoiselle* Laurence, e ela continuou dançando por um longo tempo em minha memória. Nas horas solitárias, eu ainda refletia muitas vezes sobre as pantomimas enigmáticas da bela criança, sobretudo em seu agachar-se para escutar com o ouvido colado à terra. Também demorou um bom tempo até que se extinguissem de minha recordação as pitorescas melodias do triângulo e do tambor.

— E a história termina assim? — exclamou Maria de repente, enquanto se erguia com vivacidade.

Mas Maximilian mais uma vez empurrou-a delicadamente de volta, deitou, significativo, o indicador sobre seus lábios e sussurrou:

— Calma! Calma! Sem uma palavra! Seja boazinha e continue deitada, e eu contarei à senhora a parte final da história. Mas, por favor, não me interrompa.

Enquanto ainda se acomodava na poltrona, Maximilian prosseguiu deste modo a sua narração:

— Cinco anos depois dos acontecimentos mencionados há pouco, fui pela primeira vez a Paris, e, por certo, numa época notável. Os franceses acabavam de realizar sua Revolução de Julho, e o mundo inteiro aplaudia. A peça não foi tão terrível quanto as tragédias anteriores da República e do Império. Só alguns milhares de cadáveres ficaram sobre o cenário. Também os politicamente românticos não estavam muito contentes e anunciavam uma nova peça na qual jorraria mais sangue e o verdugo teria bem mais a fazer.

Paris me deleitava muito pela alegria que se manifestava em todos os acontecimentos, e que lá exerce grande influência até sobre os espíritos mais sombrios. Estranho! Paris é o cenário em que são representadas as maiores tragédias da história universal,

tragédias cuja recordação, até nos países mais remotos, faz tremer os corações e umedecer os olhos; mas ao espectador dessas grandes tragédias sucede, em Paris, o que sucedeu a mim numa ocasião na Porte Saint-Martin, quando vi ser representada a *Tour de Nesle*^[14]. Aconteceu-me de sentar atrás de uma senhora que usava um chapéu de gaze cor-de-rosa tão largo que me tapava completamente a visão do palco, fazendo com que eu avistasse todas as tragédias que ali ocorriam através da gaze rosa do chapéu e, portanto, os horrores da *Tour de Nesle* me apareciam sob uma alegre luz rosada. Sim, em Paris há tal luz rosada que alegra todas as tragédias para aquele que as contempla de perto, de modo que o espectador não perca o gosto pela vida. Até mesmo os horrores que se levam a Paris dentro do próprio coração perdem ali seu arrepio angustiante. As dores são singularmente mitigadas. Nos ares de Paris todas as feridas se curam com uma rapidez bem maior do que em qualquer outro lugar; há nessa luz algo tão generoso, tão compassivo, tão amável quanto no próprio povo.

O que mais me agradava no povo parisiense era seu modo de ser cortês e seu porte distinto. Ó, doce aroma do ananás da cortesia! Como confortas minha alma enferma, que tem engolido tanto fumo de tabaco, tanto cheiro de chucrute e tanta grosseria na Alemanha! Soaram como melodias de Rossini em meus ouvidos as corteses palavras de desculpa de um francês que, no dia de minha chegada, me deu um leve encontrão na rua. Quase me assustei com essa doce cortesia, eu, que estava acostumado a receber cotoveladas terríveis na Alemanha, sem o menor pedido de desculpas. Durante a primeira semana de minha estada em Paris, busquei adrede alguns encontrões, simplesmente para me alegrar com a música daquelas palavras de desculpa. Mas não apenas por sua cortesia, e sim também por sua língua, o povo francês tem para mim certo verniz de distinção. Pois, como todos sabem, entre nós, no norte, a língua francesa é parte dos atributos da alta nobreza; falar francês está ligado desde minha infância à ideia de distinção. E

uma dama parisiense do mercado fala melhor o francês que uma nobre dama alemã de 64 antepassados.

Por causa dessa língua, que lhe empresta um ar aristocrático, o povo francês tem a meus olhos algo de encantador e fabuloso. Isso procede de outra reminiscência de minha infância. O primeiro livro que aprendi a ler em francês foram as fábulas de La Fontaine; as frases ingenuamente razoáveis que figuram nelas se imprimiram do modo mais inapagável em minha memória, e, quando cheguei a Paris e ouvia falar francês por todos os lados, recordava-me sem parar das fábulas de La Fontaine, e acreditava estar ouvindo sempre as tão conhecidas vozes dos animais; agora falava o leão, logo voltava a falar o lobo, depois o cordeiro, a cegonha ou a pomba, e não poucas vezes eu acreditava ouvir também a raposa, e de quando em quando assomavam minhas recordações as palavras:

Eh! Bon jour, monsieur du Corbeau!

Que vous êtes joli! Que vous me semblez beau!^[15]

Mas essas reminiscências fabulares despertaram em minha alma ainda mais frequentemente quando invadi aquelas esferas mais altas de Paris às quais se chama o grande mundo. Era precisamente aquele mundo que proporcionou ao saudoso La Fontaine os tipos de seus personagens animais. A temporada de inverno começou logo depois de minha chegada a Paris, e eu tomei parte na vida de salão, dentro da qual aquele mundo se distrai de modo mais ou menos prazeroso. O mais interessante do referido mundo não me pareceu ser tanto a igualdade de finos usos que ali reina, mas, muito antes, a diversidade de seus elementos. Quando, num grande salão, eu contemplava as pessoas amigavelmente reunidas ali, acreditava me encontrar naquelas exposições de raridades em que as relíquias de todos os tempos descansam uma ao lado da outra em grande confusão; um Apolo grego ao lado de

um pagode chinês, um *vizlipuzli*^[16] mexicano ao lado de um *ecce-homo* gótico, ídolos egípcios com cabeças de cães, caretas sagradas de madeira, de marfim, de metal etc. Ali eu via velhos mosqueteiros que haviam dançado com Maria Antonieta, republicanos moderados que haviam sido endeusados na Assembleia Nacional; *montagnards*^[17] sem mancha e sem piedade, homens do antigo Diretório, que haviam reinado em Luxemburgo, grandes dignitários do Império, ante os quais toda a Europa tremeu, jesuítas dominadores da Restauração, em suma, divindades descoloridas, mutiladas, de todas as épocas e nas quais ninguém mais acredita. Os nomes uivam quando se tocam uns aos outros, mas os homens podem ser vistos convivendo em paz e sossego como as antiguidades nas tendas do Quai Voltaire. Nos países germânicos, onde as paixões são menos disciplinadas, seria de todo impossível a convivência de pessoas tão heterogêneas em sociedade. Entre nós, no frio do norte, a vontade de conversar também não é tão premente quanto na mornidão da França, onde os maiores inimigos, quando se encontram num salão, não podem guardar por muito tempo um silêncio sombrio. Por outro lado, o desejo de agradar é tão grande na França que todo mundo se esforça para agradar não somente aos amigos, mas também aos inimigos. Ali existe um constante afã de elegância nos vestidos e nas maneiras, e as mulheres têm de se esforçar para superar os homens na arte da coquetaria; mas o conseguem, não obstante.

Não quero apontar nada maldoso com essa observação, nada maldoso em relação às mulheres francesas e menos ainda em relação às parisienses. Sou seu maior admirador e as venero bem mais por seus defeitos que por suas virtudes. Não conheço nada mais certo que a lenda segundo a qual as parisienses vêm ao mundo com todos os defeitos possíveis, mas aí uma fada boa se compadece delas e empresta a cada um de seus defeitos um encanto com o qual ao fim se converte em atrativo. Essa fada boa é a Graça. São belas as parisienses? Quem o pode saber? Quem

pode vislumbrar todas as intrigas de toalete, quem pode decifrar se é genuíno o que o tule delata, se é falso o que a seda exhibe! E, quando o olhar logra penetrar a casca e estamos a ponto de chegar à ideia, para investigar o grão, ele se envolve logo numa nova casca, e em seguida ainda em outra, e, graças a essas incessantes mudanças da moda, elas fazem troça da sagacidade masculina. São belos os seus rostos? Também isso é difícil de averiguar. Todas as suas feições se acham em perpétuo movimento; toda mulher parisiense tem mil faces, cada uma delas mais ridente, espiritual, deliciosa do que as outras, inesgotável fonte de perplexidade para aquele que quer eleger a mais linda ou pretende adivinhar seu verdadeiro rosto. São grandes os seus olhos? Que sei eu! Não investigamos o calibre do canhão quando sua bala nos arranca a cabeça. E esses olhos, quando não nos acertam, ao menos nos deslumbram com seu fogo, e nos sentimos ditosos por conseguir nos manter seguros, fora de seu alcance. E esse espaço que há entre a boca e o nariz delas é largo ou estreito? Às vezes é largo, quando torcem o nariz; outras vezes é estreito, quando o lábio superior se alça, arrogante. Sua boca é grande ou pequena? Quem pode saber onde acaba a boca e começa o sorriso? Para fazer um juízo seguro, aquele que julga e o objeto do juízo devem se achar em estado de quietude. Mas quem pode se manter quieto ante uma parisiense, e que parisiense é quieta? Há quem pensa poder considerar minuciosamente uma borboleta quando logra cravá-la com um alfinete no papel. Isso é tão insensato quanto cruel. A borboleta cravada, quieta, já não é uma borboleta. Uma borboleta deve ser contemplada quando voeja em torno das flores... e a parisiense há que ser contemplada não em sua casa, quando está sujeita ao alfinete cravado no peito, mas no salão, em *soirées* e bailes quando esvoaça de lá para cá, com suas asas bordadas em seda e gaze, sob as relampejantes coroas de cristal da alegria! Então se manifesta nelas um afã veemente de vida, uma ânsia por aturdimento doce, uma avidez por embriagar-se, que as embeleza

de modo quase terrível e lhes dá um atrativo que ao mesmo tempo encanta e abala nossas almas. Essa sede de gozar a vida, como se na hora seguinte a morte as colhesse para separá-las da fonte perene do gozo, ou como se essa fonte houvesse de secar já na hora seguinte; essa pressa, essa fúria, essa loucura das parisienses, que se manifesta particularmente nos bailes, me faz recordar sempre a lenda das bailarinas mortas, que entre nós se chamam *willis*. São noivas jovens que morreram antes do dia do casamento, mas que conservaram com tanta intensidade no coração sua faina insatisfeita de dançar que à noite saem de suas tumbas, se ajuntam em bandos nas estradas e à meia-noite se entregam às danças mais selvagens. Adornadas com as roupas do casamento, coroas de flores na cabeça, anéis brilhantes nas mãos pálidas, rindo de um jeito que faz estremecer, irresistivelmente belas, as *willis* bailam à luz do luar e vão dançando de modo cada vez mais frenético e impetuoso à medida que sentem que as horas de dança que lhes são concedidas correm a seu término e terão de voltar outra vez ao frio gélido da tumba.

Foi numa *soirée* da Chaussée d'Antin que essa consideração me tocou profundamente a alma. Era uma *soirée* brilhante, e não faltava nenhum dos ingredientes tradicionais do prazer social: luz suficiente para estar iluminado, espelhos suficientes para se contemplar, gente suficiente para se esquentar; água com açúcar suficiente e sorvete em abundância para se refrescar. E logo a música começou. Franz Liszt deixou-se ser levado ao *pianoforte*; jogou seu cabelo para trás sobre a cabeça genial e nos deu uma de suas mais brilhantes batalhas. As teclas pareciam sangrar. Se não me engano, tocava uma passagem das *Palingenesias*, de Balanche, cujas ideias traduziu em música, o que era de suma utilidade para os que não podiam ler no idioma original as obras do famoso escritor. E em seguida tocou a *Marcha ao suplício*, de Berlioz, a peça magistral que esse jovem músico compôs, se não me engano, na manhã do dia de seu casamento. Em toda a sala rostos pálidos, bustos

agitados, leves suspiros durante as pausas e, por fim, aplausos estrondosos. As mulheres ficavam sempre como que embriagadas quando Liszt lhes tocava algo ao piano. Tomadas de louca alegria, entregavam-se agora à dança as *willis* do salão, e eu tive trabalho para me refugiar numa sala contígua. Ali se jogava e, em grandes poltronas, descansavam algumas senhoras que contemplavam os jogadores ou, pelos menos, davam sinais de estar interessadas no jogo. Quando passava junto de uma dessas senhoras, seu vestido tocou meu braço e senti um leve estremecimento que percorreu minha mão até o ombro, como o produzido por um débil choque elétrico. Choque semelhante percorreu, com a maior intensidade, todo o meu coração, quando contemplei as feições da dama. É ela ou não é ela? Era o mesmo rosto que, na forma e no colorido solar, se assemelhava a uma estátua antiga; apenas sem a pureza e a lisura marmórea de antanho. O olhar afiado percebia na testa e nas faces algumas pequenas manchas, cicatrizes de bexiga talvez, que recordavam aquelas finas manchas que costumam ser vistas nos rostos das estátuas expostas algum tempo à chuva. Eram também os mesmos cabelos negros, que cobriam as têmporas em lisos ovais, semelhantes às asas do corvo. Mas quando seus olhos encontraram os meus e percebi aquele assaz conhecido relance de olhos, cujo rápido fulgor me perpassava a alma sempre de maneira tão enigmática, não duvidei mais – era *mademoiselle* Laurence.

Elegantemente estendida em sua poltrona, com um ramalhete de flores numa das mãos e a outra apoiada no braço do assento, *mademoiselle* Laurence estava sentada perto de uma mesa de jogo e parecia consagrar toda a sua atenção ao movimento das cartas. Seu vestido era elegante e gracioso, ainda que bastante simples, de seda lisa branca. Ela não usava nenhum adorno, a não ser as pulseiras e um alfinete de pérolas no peito. Uma porção de encaixes cobria seu seio jovem, tapando-o de forma quase puritana até o pescoço, e essa simplicidade e esse decoro no modo de se vestir formavam um contraste perturbadoramente encantador com

algumas senhoras mais velhas que, arrebitadas e refulgentes de diamantes, sentavam ao lado dela, exibindo, melancolicamente desnudas, as ruínas de sua antiga magnificência, o lugar onde antes se encontrava Troia. *Mademoiselle* Laurence continuava maravilhosa e bela e conservava seu encantador jeito de aborrecida, e isso me atraía a ela de modo irresistível, e por fim me achei parado às costas de sua poltrona, queimando de desejo de falar com ela, mas detido por uma hesitante delicadeza.

Eu já estava algum tempo em silêncio, de pé atrás dela, quando de repente ela arrancou uma flor de seu buquê e, sem se voltar para mim, estendeu a mão por sobre o ombro me oferecendo a flor. Singular era o perfume dessa flor, e exerceu sobre mim um encantamento peculiar. Senti-me isento de todas as formalidades sociais, e estava como que num sonho no qual tudo se fala e tudo se faz, o que aliás deixa a nós mesmos assombrados, já que nossas palavras têm até um caráter infantilmente aconchegante e sensível. Calmo, indiferente, negligente, como se ela não passasse de uma velha amiga, inclinei-me sobre o encosto da poltrona e sussurrei ao ouvido da jovem dama:

“*Mademoiselle* Laurence, onde está sua mãe com o tambor?”

“Está morta”, respondeu ela no mesmo tom, igualmente calma, indiferente, negligente.

Depois de uma breve pausa, inclinei-me outra vez sobre o encosto da poltrona e sussurrei ao ouvido da jovem dama:

“*Mademoiselle* Laurence, onde está então o cão sábio?”

“Foi-se embora e corre pelo vasto mundo”, ela respondeu novamente no mesmo tom calmo, indiferente e negligente.

E, mais uma vez, depois de uma breve pausa, inclinei-me sobre o encosto da poltrona e sussurrei ao ouvido da jovem dama:

“*Mademoiselle* Laurence, onde está então *monsieur* Türlütü, o anão?”

“Está com os gigantes do Boulevard du Temple”, respondeu ela. Mas, apenas havia acabado de pronunciar essas palavras, no

mesmo tom calmo, indiferente e negligente, quando um homem sério e idoso, de vulto elevado e militar, se aproximou e informou que seu coche estava pronto. Levantando-se lentamente de seu assento, *mademoiselle* Laurence apoiou-se no braço do recém-chegado e, sem se dignar de me dirigir sequer um olhar, deixou com ele o salão.

Quando perguntei à dona da casa, que a noite inteira ficara parada na entrada da sala principal, apresentando seu sorriso aos que chegavam e aos que se iam, se sabia o nome da jovem pessoa que acabava de sair com o senhor idoso, ela riu serena em minha cara e exclamou: “Meu Deus! Quem pode conhecer todo mundo! Eu o conheço tão pouco quanto...”. Interrompeu-se, pois queria dizer com toda a clareza que sim, a conhecia tão pouco como a mim mesmo, que também havia visto pela primeira vez naquela noite. “Talvez”, observei a ela, “o senhor seu esposo possa me dar alguma informação. Onde eu poderia encontrá-lo?”.

“Numa caçada em Saint-Germain”, respondeu a dama com uma gargalhada ainda mais alta, “foi hoje pela manhã e só volta amanhã à noite... Mas espere, conheço alguém que falou muito com a dama por quem o senhor está perguntando; não sei seu nome, mas o senhor poderá descobri-lo com facilidade se perguntar ao jovem no qual Casimir Perrier deu um pontapé, não sei onde”.

Mesmo que seja sem dúvida difícil reconhecer uma pessoa sabendo apenas que levou um pontapé do ministro, logo encontrei o meu homem e lhe pedi esclarecimentos acerca da singular criatura que tanto me interessava e que eu soube lhe descrever com bastante exatidão. “Sim”, disse o jovem, “eu a conheço muito bem e já falei com ela em várias *soirées*”, e me repetiu uma série de coisas sem importância que havia dito a ela. O que mais havia chamado sua atenção era o olhar sério da moça, cada vez que lhe dizia uma cortesia. Também não deixava de se admirar muito com o fato de ela recusar todos os seus convites para uma contradança, assegurando-lhe que não entendia nada de dança. Nome e

condição, ele não os conhecia. E ninguém, por muito que tenha tentado, soube me comunicar algo mais exato acerca do assunto. Em vão percorri todas as *soirées* possíveis, e em nenhum lugar voltei a encontrar *mademoiselle* Laurence.

— E a história termina assim? — exclamou Maria, voltando-se com lentidão e bocejando sonolenta. — Essa história estranha termina assim? O senhor não voltou a ver nunca mais nem *mademoiselle* Laurence, nem a mãe com o tambor, nem o anão Türlütü, nem tampouco o cão sábio?

— Fica quietinha deitada — replicou Maximilian. — Voltei a vê-los, todos, inclusive o cão sábio. É certo que ele se encontrava em grandes necessidades, o pobre maganão, quando me deparei com ele em Paris. Foi no Quartier Latin. Passava justo em frente à Sorbonne, quando vi sair correndo de suas portas um cão e atrás dele uma dúzia de estudantes armados de bastões, aos quais logo se juntaram duas dúzias de mulheres velhas, gritando todos em coro: “O cão está louco!”. O desgraçado animal parecia quase humano em seu medo mortal, a água jorrava de seus olhos como se fossem lágrimas, e, ao passar arquejante diante de mim e roçar-me com seu olhar úmido, reconheci meu velho amigo, o cão sábio, cantor das glórias de Lorde Wellington, que no passado encheu de admiração o povo da Inglaterra. Estaria de fato louco? Teria talvez perdido o juízo por tanta sabedoria, ao prosseguir seus estudos no Quartier Latin? Ou teria talvez manifestado em resmungos e pateadas seu desgosto contra as charlatanices bochechudas de algum professor, que queria se livrar de seu ouvinte indesejável declarando-o louco? Mas, ah! A juventude não queria nem saber se foi a vaidade ofendida do sábio ou simplesmente sua inveja profissional que primeiro exclamou: “O cão está louco!”, e golpeava com seus bastões irracionais, e também as mulheres velhas estavam prontas a fazer coro com seus uivos e ocultavam a berros a voz da inocência e da razão. Meu pobre amigo teve de sucumbir, mataram-no miseravelmente a pauladas ante meus olhos,

escarneceram dele e por fim o arrojaram sobre um monte de esterco! Pobre mártir da sabedoria.

Não era muito mais alegre a situação do anão, *monsieur* Türlütü, quando voltei a encontrá-lo no Boulevard du Temple. *Mademoiselle* Laurence havia me garantido que estava ali, mas seja porque não pensei em procurá-lo a sério ali, seja porque a turba que lá havia me impediu de vê-lo, fato é que tardei em perceber a barraca onde os gigantes se exibem. Quando entrei, encontrei dois marotões compridos, estendidos preguiçosamente sobre seus catres, que se puseram logo de pé e se postaram diante de mim assumindo a estatura de gigantes. E de fato não eram tão grandes como apregoavam as fantasias dos cartazes e penduricalhos. Eram dois marotões compridos, vestidos em camisetas cor-de-rosa, que traziam barbas muito negras, possivelmente postiças, e que giravam sobre suas cabeças grandes clavas de madeira oca. Quando lhes perguntei pelo anão anunciado em seus cartazes, replicaram que fazia quatro semanas que não se exibia devido a uma crescente indisposição, mas que, não obstante, eu poderia vê-lo mediante o pagamento de um bilhete duplo. Com que prazer se paga um bilhete duplo para rever um amigo! Mas ah! Era um amigo que eu encontrava já no leito de morte. Esse leito de morte era, na realidade, um berço de criança, e dentro dele jazia o pobre anão com seu rosto de ancião, amareladamente enrugado. Uma menina de uns 4 anos estava sentada ao lado dele e movia o berço com o pé, cantando em tom de zombaria e riso: “Dorme Türlütüzinho, dorme!”.

Quando o pequeno me viu, abriu tanto quanto pôde os olhos pálidos e vidrados, e um sorriso melancólico se esboçou sobre os lábios esbranquiçados; pareceu reconhecer-me logo, estendeu-me sua mãozinha seca e estertorou em voz baixa: “Velho amigo!”.

Era de fato uma situação aflitiva aquela em que se encontrava o homem que já aos 8 anos manteve uma longa conversação com Luís XVI, a quem o czar Alexandre deu de comer bombons, a quem

a princesa de Kyriz havia carregado no colo, que havia cavalgado por aí nos cães do duque de Brunsvique, a quem o rei da Baviera havia lido suas poesias, que havia fumado do mesmo cachimbo com os príncipes alemães, que havia sido endeusado pelo papa e a quem Napoleão jamais amou! Essa última circunstância ainda preocupava o infeliz em seu leito de morte, ou, conforme já foi dito, em seu berço de morte; e ele chorava pensando no trágico destino do grande imperador, que jamais o amou, mas que havia acabado em tão lamentável situação em Santa Helena, “exatamente como acabo eu, agora”, acrescentou ele, “solitário, desconhecido, abandonado por todos os reis e príncipes, uma caricatura da antiga magnificência!”.

Embora eu não compreendesse como um anão que morre entre gigantes podia se comparar com o gigante que morreu entre anões, comoveram-me de qualquer modo as palavras do pobre Türlütü e, ainda mais que isso, sua situação de abandono na derradeira hora. Não podia conter também meu assombro pelo fato de *mademoiselle* Laurence, tão distinta agora, não se preocupar com ele. Mas, apenas acabara de pronunciar esse nome, o anão foi tomado por formidáveis convulsões em seu berço e, com seus lábios brancos, choramingou: “Criatura ingrata! E que eu criei, que eu quis elevar à categoria de minha esposa, a quem ensinei como a gente deve se mover e se portar diante dos poderosos deste mundo, como se deve sorrir, como se fazem as medidas da corte, como se representa... Tu aproveitaste muito bem minha lição e és agora uma grande dama, tens agora um coche e lacaios e muito dinheiro e muito orgulho e nenhum coração. Tu me deixas morrer aqui, morrer solitário e miserável, como Napoleão em Santa Helena! Oh, Napoleão, tu nunca me amaste...”. O que ele acrescentou depois não pude mais entender. Alçou a cabeça e fez alguns movimentos com a mão, como se esgrimisse contra alguém, talvez contra a morte. Mas à gadanha dessa adversária não pode resistir ninguém, nem um Napoleão, tampouco um Türlütü. E nesse embate não

ajuda nem sequer uma parada. Desfalecido, vencido, o anão deixou cair a cabeça, olhou-me por longo tempo com um olhar indescritivelmente fantasmagórico, lançou de repente um quiquiriqui e expirou.

Essa morte me anuviou ainda mais pelo fato de o anão não ter me dado nenhum detalhe mais preciso acerca de *mademoiselle* Laurence. Onde eu poderia encontrá-la agora outra vez? Não estava enamorado dela nem sentia grande inclinação por ela, mas me picava um desejo misterioso de procurá-la por toda parte. Quando pisava num salão e, depois de ter examinado a reunião de pessoas, não encontrava o tão conhecido rosto, de pronto perdia todo o sossego e tinha de abandonar o lugar. Refletindo sobre esse sentimento, eu me encontrava certa ocasião, à meia-noite, ante a entrada afastada da Grande Ópera, esperando, bastante impaciente, um coche, pois chovia a cântaros. Mas não passava coche nenhum, ou melhor, passavam apenas coches que pertenciam a outras pessoas; elas se instalavam neles satisfeitas, e pouco a pouco tudo foi ficando bem vazio ao redor de mim. “Assim, tendes de ir comigo”, disse uma mulher que, mui escondida em sua mantilha negra, já esperava também por algum tempo a meu lado e estava agora pronta para subir num coche. A voz perpassou meu coração, o tão conhecido olhar de soslaio voltou a exercer seu encanto, e tornei a adentrar o sonho quando me encontrei ao lado de *mademoiselle* Laurence numa carruagem cálida e delicada. Não trocamos uma palavra, também nem poderíamos nos ouvir, pois a carruagem correu fazendo um estrépito ameaçador pelas ruas de Paris por muito tempo, até parar diante de um grande portão.

Criados em librés brilhantes iluminaram para nós a escada que levava até um corredor de aposentos. Uma camareira que veio ao nosso encontro com rosto sonolento balbuciou, debaixo de muitas desculpas, que só o quarto vermelho estava aquecido. Enquanto indicava à mulher com um gesto que se afastasse, Laurence falou,

rindo-se: “O acaso leva o senhor bem longe no dia de hoje; só a minha alcova está aquecida...”.

Naquela alcova, na qual logo nos encontramos sós, chamejava um bom fogo de chaminé, tanto mais confortador pela enormidade monstruosa do quarto. Aquele grande quarto de dormir, ao qual antes se poderia chamar de salão de dormir, tinha algo singularmente desolador. Móveis e decoração, tudo o que havia nele ostentava o selo de uma época cujo brilho agora parecia tão empoadado e cuja nobreza, tão modesta que suas relíquias causavam certo mal-estar quando não açulavam um sorriso secreto. Falo, é claro, da época do Império, da época das águias douradas, dos elevados penachos, dos penteados gregos, da glória, do grande tambor maior, das missas de campanha, da imortalidade oficial, decretada no *Moniteur*, do café continental feito de chicória, do açúcar ruim que se fabricava da beterraba e dos príncipes e duques que eram feitos de nada. Tinha, no entanto, seu encanto essa época de materialismo patético... Talma declamava, Gros pintava, La Bigotini dançava, Grassini cantava, Maury predicava, Rovigo estava encarregado da polícia, o imperador lia Ossian, Paulina Borghese se deixava esculpir como Vênus, desnuda da cabeça aos pés, pois seu quarto estava satisfatoriamente aquecido, como a alcova onde eu me encontrava agora com *mademoiselle* Laurence.

Sentamo-nos junto à chaminé, conversando de modo amistoso, e ela me contou, suspirando, que estava casada com um herói bonapartista que todas as noites, antes de se deitar, a entretinha com a descrição de uma de suas batalhas; alguns dias antes, às vésperas de sua partida, ele lhe havia contado sobre a Batalha de Iena; mas estava muito enfermo e dificilmente sobreviveria à campanha russa. Quando lhe perguntei quanto tempo fazia que havia morrido seu pai, ela riu e confessou que não havia conhecido nunca um pai, e que aquela que era chamada de sua mãe jamais fora casada.

“Não foi casada!”, exclamei eu. “Mas se eu mesmo a vi em Londres, profundamente enlutada pela morte de seu marido!”

“Oh”, replicou Laurence, “durante doze anos ela se vestiu sempre de preto, para suscitar compaixão nas pessoas no papel de viúva desventurada e, ao mesmo tempo, a fim de atrair algum simplório desejoso de casar. E ela esperava alcançar mais cedo o porto do matrimônio navegando sob bandeira negra. Mas só a morte se compadeceu dela, e ela morreu de uma hemorragia. Jamais gostei dela, pois sempre me deu muitas pancadas e bem pouco de comer. Eu teria morrido de fome se *monsieur* Türlütü não me passasse às vezes furtivamente, em segredo, um pedacinho de pão; mas o anão queria, em troca disso, que eu me casasse com ele e, ao ver que suas esperanças fracassavam, se uniu à minha mãe – digo ‘mãe’ por costume –, e então ambos passaram a me atormentar juntos. Diziam-me sempre que eu era uma criatura supérflua, que o cão sábio valia mil vezes mais que minha dança ruim. E então elogiavam o cão em meu detrimento, enalteciam-no até o céu, acariciavam-no, davam-lhe tortas de comer e me jogavam apenas as migalhas. O cão, diziam eles, era seu melhor auxiliar, ele encantava o público, que por mim não se interessava minimamente, que o cão tinha de me alimentar com seu trabalho e que eu comia o pão da caridade do cão. Maldito cão!”.

“Oh, não o maldizeis mais”, interrompi a enfurecida, “ele está morto agora, eu mesmo o vi falecer...”.

“A besta bateu as botas?”, exclamou Laurence, dando um salto, com uma alegria enrubescida tomando conta de seu rosto.

“E também o anão está morto”, acrescentei, para completar.

“*Monsieur* Türlütü?”, exclamou Laurence, também com alegria. Mas essa alegria foi desaparecendo de seu rosto, e, com um tom mais compassivo, quase melancólico, ela disse por fim: “Pobre Türlütü!”.

Como eu não lhe ocultara que o anão, à hora da morte, se havia queixado muito amargamente dela, ela explodiu em um protesto

apaixonado, assegurando-me que tivera o firme propósito de cuidar do anão o melhor possível, que lhe havia oferecido um soldo anual se ele se dispusesse a ficar calmo e modesto em qualquer lugar da Provença. “Mas, ambicioso como ele era”, prosseguiu Laurence, “queria permanecer em Paris e até mesmo viver em meu hotel; pensava que, por meu intermédio, poderia reatar suas antigas amizades no Faubourg Saint-Germain e voltar a ocupar sua antiga posição de destaque na sociedade. Quando me neguei terminantemente a fazê-lo, mandou-me dizer que eu era um espectro amaldiçoado, um vampiro, uma filha da morte...”.

Laurence se deteve de pronto, estremeceu com violência e por fim lançou um suspiro vindo do mais fundo de seu peito: “Oh, melhor teria sido se me tivessem deixado com minha mãe na tumba!”. Quando a instei a me esclarecer aquelas palavras cheias de mistério, brotou uma torrente de lágrimas de seus olhos e, trêmula e soluçante, confessou-me que a mulher de preto do tambor, que se fazia passar por sua mãe, lhe havia contado que o rumor que circulava acerca de seu nascimento não era um simples conto de fadas. “Na cidade onde nós morávamos, com efeito”, prosseguiu Laurence, “me chamavam sempre de filha da morte! As velhas comadres fiandeiras asseguravam que eu era filha de um conde do lugar, que costumava maltratar a esposa e que, quando ela morreu, fez com que a enterrassem com toda pompa e fausto; mas a mulher, em estado de gravidez avançada, só aparentemente havia morrido, e, quando alguns violadores de túmulos abriram a sepultura para roubar as joias do cadáver, acharam a condessa viva e sentindo as dores do parto; e ela morreu logo depois de dar à luz. Dizia-se que os ladrões a puseram com toda a calma de volta à tumba, levando consigo a criança e entregando-a a sua cúmplice, a amante do grande ventríloquo, para que a criasse. A pobre criança, enterrada antes de nascer, foi chamada por todas de Filha da Morte... Ah! O senhor não pode conceber a aflição que eu sentia já desde criança quando me chamavam por esse nome. Quando o grande

ventríloquo ainda era vivo, não raro ficava descontente comigo e gritava sempre: ‘Maldita Filha da Morte, oxalá não tivesse eu jamais te tirado da tumba!’. E, sendo um ventríloquo tão competente, podia modular sua voz de tal modo que se acreditava que ela saía das profundezas da terra, e me fazia crer que era a voz de minha defunta mãe que me narrava seu destino. Ele podia muito bem saber desse destino tão terrível, pois havia sido um dia camareiro do conde. Experimentava um prazer cruel quando eu, pobre menininha, ficava presa do mais formidável horror ao escutar suas palavras que pareciam brotar das profundezas da terra, contando histórias medonhas, histórias que eu nunca compreendi bem em seu conjunto, e que mais tarde pouco a pouco fui esquecendo, mas que, quando eu dançava, vinham se apresentar à minha imaginação, perfeitamente nítidas. Sim, quando eu dançava, era sempre possuída por uma recordação singular, esquecia-me de mim mesma e me percebia como se fosse uma pessoa bem diferente, e como se todos os tormentos e segredos dessa pessoa me atormentassem... Tão logo eu parava de dançar, no entanto, tudo se apagava de minha memória”.

Enquanto *mademoiselle* Laurence falava, lentamente e como se questionasse a si própria, encontrava-se em pé diante de mim, junto à chaminé, onde o fogo chamejava cada vez mais confortável, e eu estava sentado na poltrona que era, provavelmente, o assento de seu marido, quando à noite, antes de ir se deitar, contava a história de suas batalhas. Laurence me olhou com seus grandes olhos, como se me pedisse um conselho; movia a cabeça de modo tão melancólico e ensimesmado, infundindo-me uma compaixão tão nobre e doce; era tão esbelta, tão jovem, tão bela essa flor-de-lis brotada de dentro de uma tumba, essa Filha da Morte, esse espectro com cara de anjo e corpo de bailarina indiana! Não sei como a coisa veio, talvez por influência da poltrona em que estava sentado, mas de repente me pareceu que eu era o velho general, que ainda no dia anterior havia contado naquela mesma poltrona a

Batalha de Iena, e, como se tivesse de prosseguir com minha narração, eu falei: “Depois da Batalha de Iena, as fortalezas prussianas se entregaram em poucas semanas, quase sem luta. Primeiro Magdeburgo se rendeu; era a fortaleza mais bem composta e contava com trezentos canhões. Não é vergonhoso?”.

Mademoiselle Laurence, porém, não me deixou prosseguir falando, toda disposição sombria havia desaparecido de sua bela feição, ela ria como uma criança e exclamou: “Sim, isso é vergonhoso, mais até do que vergonhoso! Se eu fosse uma fortaleza e tivesse trezentos canhões, eu não me renderia jamais!”.

Mas uma vez que *mademoiselle* Laurence não era uma fortaleza nem tinha trezentos canhões...

Com essas palavras, Maximilian interrompeu subitamente sua narração e, depois de uma breve pausa, perguntou em voz baixa:

— Está dormindo, Maria?

— Sim, durmo... — respondeu Maria.

— Tanto melhor — disse Maximilian com um fino sorriso. — Assim não preciso temer que aborreça a senhora, ao descrever com algum detalhe a mais os móveis do quarto em que me encontrava, como costumam fazer os romancistas de hoje.

— Apenas não se esqueça da cama, caro amigo!

— Ah, era, de fato, uma cama das mais luxuosas — replicou Maximilian. — Os pés, como em todas as camas do Império, eram revestidos de cariátides e de esfinges, e o teto rebrilhava com seus ricos dourados, sobretudo águias em ouro que se beijavam como rolinhas, talvez simbolizando o amor na época do Império. As cortinas do leito eram de seda vermelha e, como as chamas da lareira as atravessavam ainda muito fortes, eu me encontrava deitado com Laurence sob uma iluminação completamente vermelho-afogueada; sim, eu me sentia como se fosse o deus Plutão que, rodeado de labaredas infernais, carregava em seus braços de raptor a Proserpina adormecida. Ela dormia e eu contemplava nesse estado seu rosto encantador e procurava em

suas feições uma explicação para aquela simpatia que minha alma sentia por ela. O que significava aquela mulher? Que sentido se ocultava sob o simbolismo daquelas belas formas? Tinha em meus braços, agora como propriedade minha, aquele gracioso enigma e, no entanto, não conseguia encontrar sua solução.

Porém, não é insensatez pretender penetrar o sentido intrínseco de uma aparição estranha, quando não logramos sequer decifrar o enigma de nossa própria alma e nem mesmo sabemos com exatidão se as aparições estranhas de fato existem? Às vezes nem conseguimos diferenciar a realidade de meros rostos oníricos! Era uma imagem de minha fantasia ou a horrível realidade o que eu vi e ouvi naquela noite? Não o sei. Só recordo que, enquanto os pensamentos mais selvagens jorravam, inundando meu coração, um barulho estranho perturbou meus ouvidos. Era uma melodia doida, singularmente baixa. Pareceu-me muito conhecida, e por fim distingui as notas de um triângulo e de um tambor. Aquela música, zumbindo e sussurrando, parecia soar de uma lonjura incalculável, e, no entanto, quando alcei os olhos, vi, diante de mim, no meio do quarto, um espetáculo dos mais conhecidos: era *monsieur* Türlütü, o anão, que tocava o triângulo, e *madame* Mãe, que golpeava o imenso tambor, enquanto o cão sábio pateava no chão como se tentasse reunir outra vez suas letras de madeira. O cão parecia mover-se com muita dificuldade, e seu pelo estava manchado de sangue. *Madame* Mãe ainda usava suas vestimentas de luto negras, mas seu ventre já não se erguia ereto, para a frente, tão engraçado, mas pendia, muito mais repugnante, para baixo; seu rosto também já não era vermelho, e sim pálido. O anão que ainda ostentava o traje bordado de um marquesinho francês do Antigo Regime, e um topete empoadado, parecia estar algo crescido, talvez por ter emagrecido de modo tão terrível. Exibiu de novo sua arte de esgrimista e parecia repetir também suas antigas fanfarronices; mas falava tão baixo que eu não entendia uma palavra sequer, e só pelo

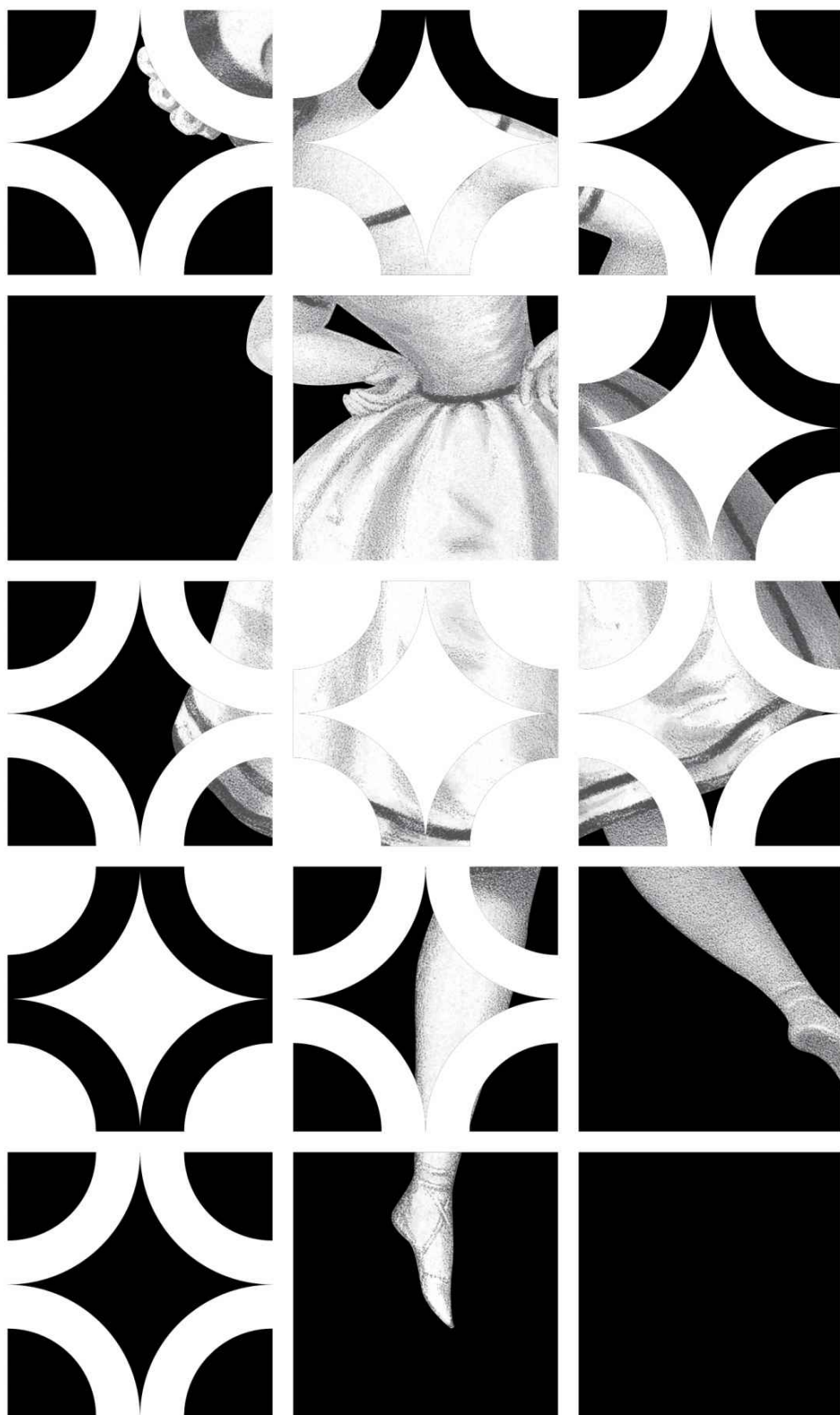
movimento de seus lábios podia perceber que às vezes ele voltava a cantar como um galo.

Enquanto aquelas caricaturas ridiculamente tenebrosas se moviam como sombras e com uma rapidez sinistra diante de meus olhos, eu sentia que *mademoiselle* Laurence respirava de forma cada vez mais agitada. Um tremor frio percorria todo o seu corpo e, como se experimentando dores insuportáveis, seus graciosos membros estremeciam. Mas, por fim, flexível como uma enguia, ela deslizou por entre meus braços e, de repente, estava parada no meio do quarto e começou a dançar, enquanto a mãe com o tambor e o anão com o triângulo deixavam soar sua música amortecida e baixa. Ela dançava exatamente como outrora na ponte de Waterloo e nas praças de Londres. Eram as mesmas pantomimas misteriosas, os mesmos ímpetos de saltos apaixonados, o mesmo gesto bacante de lançar para trás a cabeça e, às vezes, a mesma inclinação para o chão, como se quisesse ouvir o que se dizia lá embaixo, e logo o tremor, a palidez, a rigidez, e outra vez a audição com os ouvidos colados à terra. Ela também voltou a esfregar suas mãos como se as lavasse. Ao fim e ao cabo pareceu lançar mais uma vez sobre mim seu olhar profundo, doloroso, suplicante... Mas só nas feições de seu rosto mortalmente pálido reconheci esse olhar, não em seus olhos, pois estes estavam cerrados. Em acordes cada vez mais baixos, a música foi sumindo aos poucos; a mãe-tambor e o anão-triângulo empalideciam e se dissipavam como névoa, desaparecendo, por fim, de todo; mas *mademoiselle* Laurence continuava ali e dançava de olhos cerrados. Essa dança, no silêncio noturno do quarto, dava àquela graciosa criatura um aspecto tão fantástico, e eu sentia tanto medo que às vezes estremecia, e fiquei efusivamente feliz quando ela terminou sua dança e deslizou outra vez para meus braços, de modo tão flexível e insinuante como havia se desprendido deles.

De fato, a visão dessa cena não tinha para mim nada de agradável. Mas o homem se habitua a tudo. E é até possível que o

aspecto sinistro daquela mulher lhe emprestasse um encanto ainda mais singular, que misturava aos meus sentimentos uma ternura cheia de tremores... Em suma, ao cabo de algumas semanas, não me causava o mínimo assombro quando, à noite, soavam as notas apagadas do tambor e do triângulo, e minha cara Laurence de repente se levantava e, de olhos cerrados, dançava um solo. Seu esposo, o velho bonapartista, exercia seu comando na comarca de Paris, e seus deveres não lhe permitiam passar os dias na cidade. Conforme se compreende com naturalidade, ele se tornou meu amigo mais íntimo e derramou lágrimas amargas, quando, mais tarde, se despediu de mim por longo tempo. Viajou com sua esposa para a Sicília, e desde então nunca mais voltei a vê-los.

Quando Maximilian concluiu essa narrativa, pegou seu chapéu com rapidez e saiu sorrateiramente do quarto.



Posfácio

O machado de Lázaro

Marcelo Backes

Quando Heinrich Heine (1797-1856) saiu da mansão de Goethe, em Weimar, perguntaram-lhe como havia sido o encontro com o gigante da literatura germânica. Heine, que não recebera acolhida tão calorosa quanto julgava merecer, teria respondido, seco: “É muito boa a cerveja de Weimar”. Mais que mero chiste, a frase reflete muito do caráter e da genialidade desse grande escritor alemão.

Heine é daqueles casos em que a qualidade manifesta parece ser inversamente proporcional ao reconhecimento obtido. O escritor, um dos maiores do século XIX, é bem menos conhecido do que deveria ser no Brasil. Também jornalista combativo, crítico literário de profundidade, ensaísta de índole filosófica, além de poeta, romancista, dramaturgo, Heine influenciou Dostoiévski, Nietzsche, Heinrich Mann e até Brecht, e é um dos escritores mais citados por Freud.

Sempre controvertido, muitas vezes agressivo e até dúbio, Heine mudou seu nome de Harry para Heinrich, escondendo a marca indelével do judaísmo que impossibilitava qualquer disfarce com um nome genuinamente alemão. Quando estudava na Universidade de Bonn, vestiu o boné vermelho dos românticos que sonhavam com a Alemanha unida e a volta do império cristão medieval e cantavam as glórias dos velhos germanos que venceram os exércitos de Roma; eram antijudeus, antifranceses e louvavam o vinho do Reno e a santidade e a pureza da língua germânica. Mas aquele que ocultara o nome não conseguiu ocultar as preferências: foi logo

marginalizado por não ter passado pela prova da cerveja, que, consta, ele detestava.

Mais tarde, Heine exilou-se na França – em Paris, onde viveu a Revolução de 1848 e teve encontros memoráveis, inclusive com Karl Marx –, proclamou sua lealdade ao judaísmo e não cansou de alfinetar o cristianismo e a Alemanha prussiana, que tanto perseguiu os judeus, louvando Napoleão, sob cujo domínio seu povo viveu em condições de igualdade com os outros alemães entre os anos de 1795 e 1813.

Em suas obras, Heine falou, antes mesmo de Marx, do papel importante que o proletariado seria chamado a desempenhar. O autor de *O capital* chegou a dizer que Heine era um de seus escritores preferidos, embora jamais deixasse, junto com Engels, de o ver com olhos críticos, sardônicos até. É que Heine, ao mesmo tempo que odiava a burguesia, tinha medo de que o mesmo proletariado, para cuja importância chamava atenção, usasse seus livros como papel de embrulho. Benno von Wiese, escritor alemão, explicou um pouco a coisa: disse que a solidariedade de Heine com o povo não era consequência de pensamento político, mas apenas a primitiva solidariedade com o pária. Ela o impelia a tomar a defesa dos oprimidos. No fundo, Heine temia que as massas viessem a destruir os requintes alcançados pela civilização e a beleza da arte que ele tanto estimava.

Sua sátira afiada, sua ironia ora mordaz, ora trágica, seu pessimismo, seu individualismo oscilante entre a espontaneidade e o objetivismo, entre o caráter romântico dos amores perdidos e a pregação iluminista da *Jovem Alemanha*, o movimento de escritores alemães engajados politicamente que se opunha ao *Biedermeier* e seu romantismo acomodado e resignado, cunharam a expressão “*das heinesche*”, o heiniano, na Alemanha. Não faltaram, também, pendengas pessoais, como a que teve com o escritor romântico August von Platen, a quem chamou de homoerótico depois de ter

ouvido a acusação de que seu judaísmo fedia a alhos e cebolas e que, circuncidado, faria nu grotesco em um *Gymnasium* grego.

Não havia nada mais distante de Heinrich Heine que esses plácidos estados intermediários. A mornidão, a neutralidade, ele jamais as quis. Sempre arrancava, é certo, uma impressão. Era tão controverso e multifacetado que mesmo as opiniões sobre seu físico, mais que divergentes, às vezes eram opostas. Théophile Gautier, o maldito francês, disse – e o exemplo é bem sintomático, com a vantagem de, além do físico do autor, falar do caráter metafísico de sua obra e ser explicativo e crítico em ambos os casos:

Era um homem bonito (de 35 ou 36 anos de idade), aparentemente de boa saúde; poder-se-ia considerá-lo um Apolo germânico quando se via sua testa alta, pálida, pura como mármore, emoldurada por fartos cabelos louros. Seus olhos azuis brilhavam cheios de clareza e espírito; suas faces arredondadas, elegantemente moldadas, nada tinham daquela palidez macilenta do romantismo, em moda na época. [...] Seu nariz quase grego curvava-se um pouco hebraicamente, sem contudo perder sua pureza. Fechados, seus lábios bem desenhados, “harmoniosos como duas lindas rimas” (para usar uma de suas imagens), possuíam uma expressão graciosa; mas quando falava, chispavam de seu arco rubro flechas pontiagudas com farpas nas pontas e dardos sarcásticos, que nunca deixavam de atingir seu alvo; pois nunca alguém foi mais implacável e cruel contra a burrice: um sorriso divino de Musaget seguia-se à risada escarnecedora do sátiro.^[1]

Evidenciando a referida multifacetação, e a controvérsia que desprezava, Wolfgang Menzel, editor e teórico da literatura, conservador e antijudeu, o caracterizou assim:

[...] o pequeno judeu Heinrich Heine [...] usou uma casaca verde-escura longa até os pés e pequenos óculos dourados, que o tornavam ainda mais hilariante em sua formidável feiura e impertinência, razão pela qual era ridicularizado com o nome de “raposa de óculos”.

Já o poeta lírico e editor também conservador Johann Baptist Rousseau disse – e a segunda citação nem um pouco lisonjeira vai para equilibrar, não em opinião, mas em tamanho, as considerações sobre Heine:

De compleição pequena, bastante musculosa; cabelos louros mesclados de grisalho; testa alta e notável, constantemente um sorriso irônico e bonachão; na maioria das vezes também as mãos cruzadas nas costas, e movimenta-se num passo claudicante. Considera-se belo e, às escondidas, adora-se diante do espelho. Expressa-se bem, gosta de se ouvir falar; tão logo produz uma piada, ri às gargalhadas; nessa hora, sua fisionomia, que de resto não tem nada de oriental, torna-se totalmente judaica, e seus olhos, já pequenos, praticamente desaparecem.

Sobre seus inimigos, e não eram poucos – se não era neutro com os outros, da mesma maneira ninguém jamais foi neutro em relação a ele –, Heine disse, numa suma de declarações curtas a que chamou de *Pensamentos e ideias* (*Gedanken und Einfälle*), a frase (que seria aliás citada e analisada por Freud em *O mal-estar na civilização*):

Eu tenho uma mentalidade pacífica. Meus desejos são: uma cabana modesta, telhado de palha bem simples, mas uma boa cama, boa comida, leite e manteiga bem frescos; em frente à janela, flores; em frente à porta, algumas belas árvores. E se o bom Deus quiser me fazer completamente feliz, me permitirá a

alegria de ver seis ou sete dos meus inimigos pendurados nelas. De coração comovido eu haverei de, antes de suas mortes, perdoar todas as iniquidades que em vida me infligiram – sim, pois a gente tem de perdoar seus inimigos, jamais antes, porém, de eles serem enforcados.^[2]

Essa tendência ao extremo, esse fogo viril e a crítica sempre mordaz fizeram com que ora elevassem Heine ao céu, ora o degredassem ao inferno. Os nazistas, por exemplo, o difamaram e, não obstante, admiravam e cantavam o poema que ficou conhecido como *Lorelei*, escrevendo que era “de poeta desconhecido” e chamando-o de genuína canção popular alemã. Na realidade, o verdadeiro lugar de Heinrich Heine sempre foi a terra, onde foi dos maiores poetas alemães na lírica (junto com Goethe e Mörike) e na sátira trágica (junto com Kleist e Hebbel).

Prodigioso na arte de seu lirismo puro, que fazia da dor e do prazer, do amor e da morte os temas de seus cantos, Heine criou algumas das mais belas rimas da literatura alemã. Foi dos primeiros poetas de sua língua a sentir o poder – e a violência – da sociedade capitalista. Theodor Adorno chegou a dizer que ele fez, inclusive ao inaugurar a lírica da cidade, aquilo que Baudelaire pouco mais tarde aperfeiçoaria. No escritor alemão, apenas não estava tão afinada a força para demonstrar, em imagem poética, a imagem grotesca – e real – dos prejuízos do sonho da modernidade, destruidor e dissolvente.

Noites florentinas

Noites florentinas é obra de um gênero no qual Heine não se destacou tanto: a novela. Evidencia um escritor de temática byroniana, mas com todos os ingredientes que caracterizam sua obra global, irônica, afiada, cheia de comentários generosos sobre as mulheres francesas e mordazes sobre os homens ingleses – ambos deleitosos.

O enredo quase não existe.

Maximilian, junto ao leito de Maria, gravemente enferma, conta-lhe histórias para distraí-la, numa relação estranha, em que a arte e o prazer demarcam o limite entre amizade e luxúria, limite meio indistinto e não raro na iminência de ser ultrapassado. Os diálogos exalam erotismo, a sensualidade pinga em várias das cenas e o amor se desenvolve no recalque e na sublimação da fala, já que o conluio carnal dos corpos representaria a morte. As histórias contadas por Maximilian lembram muito, antecipadamente, obras como a *Noite na taverna* do nosso Álvares de Azevedo – que veio depois de Heine e conhecia sua literatura, citando-a, inclusive, mas que também conhecia um antecessor dos dois: o referido Lorde Byron –, com a diferença de que a ironia em Heine é mais fulgurante, o encontro não se passa numa taverna, o narrador é um só e conta mais de uma história.

Maximilian, o contador das histórias, é deliciosamente mórbido, pigmalionico – satisfaz sua libido com estátuas – e perpassa toda a sociedade artística da época, fazendo de Paganini, Liszt e Bellini seus personagens, singular e maravilhosamente descritos. Há cenas grotescas, desde imagens suscitadas por fantasias até vestes das mais mirabolantes, num prato cheio de paródia, concebido há quase dois séculos, que muito trabalho daria a modernos efeitos especiais e ousados figurinistas. O clima de salão, cru, analítico, orgânico, antecipa autores como Proust, e a mordacidade rola solta.

Heine vê nos saraus parisienses do Faubourg Saint-Germain, que ainda não são, mas antecipam os de madame de Guermantes, as criaturas fabulares que conheceu também em La Fontaine.

Mas sobretudo e antes de tudo o que se vê em *Noites florentinas* é o Heine ferinamente irônico. O poeta não poupa os ingleses, não poupa os alemães e se curva ante as francesas e as italianas, sempre irônico, às vezes sarcástico. Os ingleses são suas eternas vítimas (como os “polaquinhos” o seriam depois para Dostoiévski). Heine diz, e a crítica chega à culinária: “Que o céu guarde todos os cristãos de seus molhos feitos com uma terça parte de farinha e dois terços de manteiga, ou, para variar, de um terço de manteiga e dois terços de farinha”.

Em seguida, Heine se detém nos homens, os fazedores dos molhos: “São os deuses do aborrecimento, que correm por todos os países em seus carros cintilantes e envernizados e em todos os lugares deixam atrás de si uma nuvem de pó cinzenta e cheia de tristeza. [...] Depois do boxe e das brigas de galo, não há visão mais deliciosa para um britânico do que a agonia de um pobre-diabo que roubou uma ovelha ou falsificou uma assinatura [...]”.

E, aproveitando para criticar a modernidade, que, à época, atingia seu apogeu na Inglaterra, Heine golpeia duro. Se atinge os ingleses, mostra, ao mesmo tempo, que Chaplin não foi assim tão “engenhoso” – pelo menos no sentido romântico da originalidade – em seu *Tempos modernos*: “pois, assim como as máquinas nos parecem homens na Inglaterra, os homens nos parecem máquinas. Sim, lá a madeira, o ferro e o latão parecem ter usurpado o espírito aos homens e, por excesso de espírito, quase se tornaram dementes, enquanto o homem, desespirtualizado, realiza seus negócios habituais como um fantasma oco, completamente maquinizado, e, na hora marcada com a maior precisão, devora suas bistecas, pronuncia discursos parlamentares, faz suas unhas [...] ou se enforca”.

Ao abandonar o povo e a culinária que tanto odiava, Heine faz descer, pela derradeira vez, o fio do machado, ao voltar para a culinária do princípio: “e viajei de volta ao país civilizado e seguro, onde me ajoelhei reverente diante do avental branco do primeiro cozinheiro que lá encontrei”.

Aos franceses, sobram louvores. Maximilian diz, por exemplo, que os encontrões na França eram tão doces e suaves que ele, depois de ter engolido “tanto fumo de tabaco, tanto cheiro de chucrute e tanta grosseria na Alemanha” e suportado a violência de tantos violentos esbarrões na rua, buscava “adrede alguns encontrões, simplesmente para me alegrar com a música daquelas palavras de desculpa”.

Mas o mais alto dos louvores é destinado às parisienses. A caracterização delas vai sublime, e do pitéu tiro apenas uma porção: “São grandes os seus olhos?” pergunta-se Maximilian, e ele mesmo logo responde: “Que sei eu! Não investigamos o calibre do canhão quando sua bala nos arranca a cabeça”.

As metáforas também pululam, ainda deleitosas. Por exemplo, a lembrança do oficial francês que, depois de ter conseguido se salvar a custo dos gelos da Rússia, em Beresina, rechaçava “até os mais doces e deliciosos sorvetes do Tortoni”. E Maximilian, depois de ter provado a frialdade das mulheres e se enfastiado delas, diz, relacionando-as ao gelo, ter estado numa verdadeira “Beresina do amor” que o “fez acolher com frieza, durante algum tempo, as damas mais deliciosas, mulheres que eram como anjos, moças como sorvetes de baunilha”.

As considerações específicas sobre as mulheres, aliás, não ficam atrás das metáforas. Heine diz, pela boca de Maximilian, e a misoginia vai plena de sabor: “Mas as mulheres lamentavelmente têm apenas um modo de nos fazer felizes, ao passo que conhecem 30 mil maneiras de nos atormentar”. E, quando fala da *Marcha ao suplício*, de Berlioz, não resiste e arremata, concluindo: “a peça

magistral que esse jovem músico compôs, se não me engano, na manhã do dia de seu casamento”.

Os acadêmicos também não são perdoados. O cão sábio – membro da trupe à qual pertence Laurence, uma e a mais carnal das amantes de Maximilian – é posto a correr a pauladas e gritos por ter, possivelmente, “manifestado em resmungos e pateadas seu desgosto contra as charlatanices bochechudas de algum professor” da Sorbonne. E Maximilian, depois de ter dito que o cão foi morto a pauladas diante da universidade, donde saíra correndo, o povo, incitado pelo professor, atrás, gritava: “Pobre mártir da sabedoria”.

Das ironias, essas são apenas algumas, o livro vai repleto delas e a vontade é contida à força para não lavrar mais um punhado...

Heine amou e perdeu várias mulheres. Teve morte sofrida e dolorosa. “*Armer Lazarus*” (pobre Lázaro), assim se automeava, e foi de sua dor que nasceu sua melhor poesia. Pessimistas, não raro elas começavam em terna louvação para acabar num terrível golpe, em harmonia vital para, num grito de dissonância, terminar no fio do machado.

Em carta escrita a seu protetor berlinense, Heine pediu que, quando morresse, seu esquife não fosse adornado com louros, pois nunca dera excessivo valor à missão poética. A poesia nunca fora para ele mais do que um brinquedo sagrado e um simples meio para atingir a divindade, apenas isso. Pediu, no entanto, uma espada sobre seu caixão, pois era também dedicado soldado na guerra pela libertação da humanidade.

“Ironia, isso é distância!”, disse dele Thomas Mann. Goethe disse que lhe faltava uma qualidade primordial: o respeito. Se isso é mérito ou demérito... O artista sempre se caracterizou também por dizer aquilo que os outros não gostam de ouvir e poucos têm coragem de proclamar. “Quem quiser falar seriamente de Heine tem de falar de uma ferida”, escreveu Adorno, e ninguém jamais compreenderá isso tão bem quanto os alemães do lado mais oficial e conservador, que provocaram – e sentiram bem de

perto – o fio do machado dolorido e doloroso do “pobre Lázaro”, tiveram de passar por Guilhermes e Hitlers e sempre tiveram dificuldades em aturar – mas tiveram de aturar – aqueles que ousaram levantar a voz, mesmo que cheia de razão e poesia, contra a pátria.

Assim como Aristófanes – Marx já fez a mesma comparação –, Heine revelou os quadros mais terríveis da loucura humana usando tão somente o espelho gargalhante do chiste. Heine fez de si mesmo – ele que foi, ele mesmo, a matéria de seus livros, assim como Montaigne – o sol de um sistema planetário representado pelo mundo à sua volta. Se foi acusado de ser mero improvisador por alguns, de fazer nada mais que criar sentimentos e inventar dores, sua própria vida e seu terrível fim já testemunham o contrário.

Se alguns de seus versos parecem artificiosos, é pelo fato de que o sentimento – que se eleva doloroso em sua poesia – perdeu a confiança em si mesmo e trabalha no esfriamento artificial de seu próprio calor, tornando a inverdade dessa frieza perceptível na casca, ainda que na realidade o poeta queime por dentro. Já se nota – nesses versos de Heine – o que Fernando Pessoa viria a conceituar meio século mais tarde:

O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

A dor real de Heine – íntima e materialisticamente ligada ao declínio de sua época – nem por isso foi menor. Tanto em sua poesia como em sua prosa, Heine soube unir de maneira orgânica as teorias do progresso histórico com os próprios sentimentos e seu penar diante da sociedade; e a partir disso fez a crítica – sempre ácida – de seu tempo.

O ouvido poético de Heine era para lá de afiado. Da cova de seus colchões, na qual passou os últimos oito anos de sua vida praticamente imóvel devido a uma paralisia talvez resultante da sífilis, o bardo logrou escutar os sinos fúnebres de sua época, recriando-os poeticamente ao retratar sua própria – e miserável – situação. Ao fim e ao cabo é como se Heine quisesse dizer que se o homem tem de sucumbir na crença em um mundo melhor, então esse mundo tem de ser explicado sob o foco da enfermidade... da própria – e profunda – enfermidade...

Cronologia

Marcelo Backes

1797 Em 13 de dezembro, nasce Harry Heine em Düsseldorf (Alemanha), filho do comerciante Samson Heine e de Elisabeth (Betty) van Geldern. Heine viria a dizer, mais tarde, que nascera em 1799, para reforçar a tese de que era um testemunho da morte do século XVIII e um representante legítimo da transformação que levava ao século XIX.

1807-1814 Heine estuda no Liceu de Düsseldorf.

1815 O futuro escritor toma lições com Rindskopf, um banqueiro de Frankfurt. Os pais queriam-no exitoso numa carreira comercial. Nesse mesmo ano, Heine conhece Ludwig Börne, escritor judeu como ele, com quem teria sérias dissensões posteriormente. Em tenra idade, o autor já escrevia poesia.

1816 Desenvolve uma série de atividades no banco de seu tio Salomon Heine, em Hamburgo.

1818-1819 Heinrich Heine, ainda com o velho nome, dirige o próprio negócio (Harry Heine & Co.), financiado pelo tio, Salomon; em pouco tempo vai à bancarrota. Participa ativamente da comunidade judaica de Hamburgo.

1819-1820 Começa a estudar Direito em Bonn, à custa do tio. Frequenta as aulas de A. W. Schlegel, tradutor de Shakespeare e teórico romântico, a quem sobra um punhado de ironias em várias

de suas obras. Toma parte na sociedade jovem germânica chamada Allgemeinheit (Generalidade). Recebe uma ofensa antisemita e propõe um duelo, que não ocorre devido à proibição desse tipo de enfrentamento.

1820-1821 Prosseguimento dos estudos em Göttingen. Heine desafia um colega a um duelo, que acaba – mais uma vez – não acontecendo.

1821-1823 Heine estuda em Berlim, passa a frequentar o salão literário de Rahel Varnhagen von Ense e fica amigo da família. Torna-se membro ativo da Sociedade pela Cultura e Ciência dos Judeus. Continua a escrever poesias, além das tragédias *Almensor* e *William Ratcliffe* e o ensaio *Sobre a Polônia*.

1824 Volta a se matricular na Universidade de Göttingen. Ocupa-se intensivamente com a história judaica. Viaja a Berlim e caminha pelo Harz. Visita Goethe em Weimar. Na ocasião, julgando não ter sido acolhido de modo suficientemente caloroso, quando um jornalista pergunta-lhe como havia sido o encontro, limita-se a responder: “É muito boa a cerveja de Weimar”.

1825 Exame de Direito e doutoramento. Batiza-se – adotando o protestantismo como religião –, muda o nome de Harry para Heinrich e diz ter adquirido o bilhete de entrada para a cultura europeia. A situação é ironizada em várias de suas obras. Passagens por Hamburgo e Norderney. O desejo de tornar-se advogado acaba não se concretizando.

1826 Começa as negociações com seu futuro editor, Julius Campe, de Hamburgo. Escreve a primeira parte dos *Reisebilder* (Relatos de viagem).

1827 Viaja para a Inglaterra. Volta a encontrar Börne em Frankfurt e passa por Heidelberg, Stuttgart e Munique. Recebe a visita de Robert Schumann. Mais tarde Heine seria um dos poetas mais musicados por compositores clássicos alemães. Escreve a segunda parte dos *Reisebilder* e o *Buch der Lieder* (Livro das canções), sua obra mais conhecida.

1828 Viaja para a Itália. Morte do pai. Escreve os *Fragmentos ingleses IV*.

1829 Mora em Potsdam. Envolve-se em briga com o poeta romântico Von Platen. Escreve a terceira parte dos *Reisebilder*, na qual aparece relatada toda a virulência de seus ataques ao poeta.

1830 Vive com sua mãe em Hamburgo e visita Helgoland.

1831 O antissemitismo se manifesta com mais força em Hamburgo. Ano da Revolução de Julho na França. Desentendimento com o tio. Muda-se para Paris e entra em contato com o círculo dos sansimonistas. Conhece o banqueiro James Rothschild, que lhe daria respaldo financeiro a partir de então. Escreve a quarta parte dos *Reisebilder*.

1832 A censura toma corpo na Alemanha. Heine torna-se correspondente do *Allgemeine Zeitung* de Augsburg. Escreve o livro de ensaios *Französische Zustände* (Situações francesas).

1833 Escreve a primeira parte de *O salão*, outra coletânea de ensaios.

1834 Conhece Crescentia Eugenie Mirat, a mulher que o acompanharia durante a vida toda, com quem se casaria mais tarde, e que ele chamava de Mathilde – como ela viria a ser conhecida.

Uma das razões de Heine ter mudado o nome dela foi porque o original lhe arranhava a garganta.

1835 O congresso alemão faz moção contra os representantes do movimento de escritores Jovem Alemanha, ao qual Heine pertencia. Os escritos do autor são proibidos na Prússia e na Áustria. Escreve a segunda parte de *O salão* e o texto teórico *A escola romântica*.

1836 A obra de Heine é proibida na Baviera. O governo francês decide pagar uma pensão ao escritor. As *Noites florentinas* são publicadas em folhetim no *Stuttgarter Morgenblatt* e na *Revue des Deux Mondes*, em Paris.

1837 Escreve o terceiro volume de *O salão*, com o prefácio “Sobre os denunciadores”, com severos ataques à censura na Alemanha. *Noites florentinas* são incluídas no volume.

1840 Passa a receber a pensão do governo francês. Escreve *Ludwig Börne, um memorial*, no qual revida de forma violenta e baixa os ataques anteriores do ex-amigo. Publica a quarta parte de *O salão*.

1841 Pouco antes do duelo com Salomon Strauss (marido de Jeanette Wohl, companheira de Ludwig Börne), do qual sairia levemente ferido, casa-se com Mathilde em Paris. O tio Salomon, ante os pedidos do autor, aumenta a pensão que lhe concedia.

1843 Viaja durante o outono pela Alemanha. Encontra-se com Karl Marx em Paris e colabora com ele nos *Anuários franco-alemães*. Escreve seu poema “épico” *Atta Troll*, a história trágica e lírica de um urso revolucionário.

1844 Sofre ameaças de prisão na Alemanha e volta a visitar o país junto com a esposa. O tio Salomon Heine morre e começa a disputa por sua herança. Escreve as *Novas poesias* e o poema longo *Alemanha, uma fábula de inverno*, que compõe, junto com *Atta Troll*, parte de sua chamada “obra revolucionária”.

1846 Surge um boato de que Heine havia morrido. O autor escreve seu primeiro testamento.

1847 Especulando com ações da companhia ferroviária, Heine ganha 20 mil francos. O primo Carl Heine o visita em Paris. Fim da disputa pela herança do tio.

1848 Barricadas em Paris. Proclamação da República Francesa e escândalo ante a pensão recebida por Heine. Fim – provisório – da relação com seu editor Campe. Os sinais de sua paralisia geral avançam e Heine passa a viver na “cova dos colchões”, na qual penaria durante oito anos.

1851 Campe visita Heine em Paris e a relação entre os dois é reatada. Escreve seu testamento pela segunda vez deixando toda sua herança à Mathilde. Escreve o *Romanzero*, uma coletânea de poesias que contém o melhor de sua obra, e *Doktor Faust*, um poema dançante.

1854 Sai a primeira edição de suas obras completas. Escreve *A deusa Diana* e *Os deuses no exílio*, narrativas curtas, quase contos, e *Lutécia*, coletânea de ensaios. *Confissões* é desse mesmo ano.

1855 Quase morto sobre a cama e com dificuldades de se alimentar e de se movimentar, apaixona-se por Elise Krinitz, que transcrevia seus poemas e entraria para a história da literatura como *La Mouche* (“a Mosca”, por ter se encantado pelo – quase – cadáver de

Heine). Algumas notas dão conta de que no final de sua vida Heine escreveu um livro de poesias altamente erótico, que teria sido destruído em respeito à honra do escritor.

1856 Morre em 17 de fevereiro em Paris e é enterrado no Cemitério de Montmartre.

Marcelo Backes é escritor e tradutor, autor dos romances *A casa cai* e *O último minuto* (Companhia das Letras), entre outras obras. Doutor em germanística e romanística pela Universidade de Freiburg, defendeu tese sobre Heinrich Heine.



Notas

[1] Em francês no original. Expressão que significa “homem de galantes e exitosas aventuras”. [Todas as notas são do tradutor.]

[2] Francisco I (1494-1547), o “rei cavaleiro”, que reinou na França entre 1515 e 1547, foi derrotado e capturado por Carlos V na batalha de Pavia (1526). [N.T.]

[3] Em italiano, no original. *jettatura* significa “mau-olhado”, e *jettatore* é aquele que o pronuncia. O sinal de proteção contra a *jettatura* é semelhante ao que conhecemos por chifre, no qual, com a mão cerrada, ergue-se o dedo indicador e o mínimo. [N.T.]

[4] Em francês, no original. Da expressão *être tiré à quatre épingles*, ou seja: “estar muito elegante, meticulosamente vestido”. [N.T.]

[5] Em francês, no original. Com sapatos de sola muito fina, que deixam o peito do pé descoberto. [N.T.]

[6] Em francês, no original. Discurso sem nexos, sem pé nem cabeça. [N.T.]

[7] Em francês, no original. Trocadilhos. [N.T.]

[8] Em francês, no original. Marido enganado, corno. [N.T.]

[9] O táler era uma antiga moeda alemã de prata. [N.T.]

[10] Referência a *Fausto*, de Johann Wolfgang von Goethe, de 1808. No poema, Mefistófeles aparece na forma de um poodle negro. [N.T.]

[11] Rua e avenida de Hamburgo. [N.T.]

[12] Epíteto pelo qual são conhecidos os ingleses. [N.T.]

[13] Em inglês, no original. *Blackguards*: “patifes, vilões”; *gentlemen*: “cavalheiros, fidalgos”; *fashionables*: “elegantes”. [N.T.]

[14] Drama de Alexandre Dumas (1802-1870), de 1832, sobre uma traição ocorrida em 1314 que atingiu o coração da dinastia real francesa. [N.T.]

[15] Em francês, no original: “Ah! Bom dia, senhor Corvo!/ Como o senhor é belo! Como o senhor me parece agradável!”. [N.T.]

[16] Ou Huitzilopochtli: deus da guerra e símbolo do sol na mitologia asteca. [N.T.]

[17] Nome dado aos deputados que se sentavam nos bancos mais altos na Assembleia Legislativa francesa, notórios por seu extremismo e radicalismo. [N.T.]

Notas do posfácio

[1] Esta, assim como as duas citações seguintes, foi extraída de ARON, Irene. *Heinrich Heine: um conto de fadas alemão*. In: Revista *Herança Judaica*, n. 96, São Paulo, abril de 1997.

[2] HEINE, Heinrich. *Gedanken und Einfälle*. In: *Sämtliche Werke*, 12 Band. Leipzig: Max Hesses Verlag, s/d.

© Editora Carambaia, 2020

Florentinische Nächte [Hamburgo, 1837]

Revisão

Ricardo Jensen de Oliveira

Vanessa Gonçalves

A partir do projeto gráfico da edição numerada de

Mateus Valadares

Imagens

New York Public Library, Nova York

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

H381n

Heine, Heinrich, 1797-1856

Noites florentinas [recurso eletrônico] / Heinrich Heine; tradução e posfácio Marcelo Backes
1. ed.

São Paulo: Carambaia, 2020.

recurso digital

Tradução de: *Florentinische Nächte*

Formato: ebook

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

posfácio e cronologia

ISBN 978-65-86398-07-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção alemã. 2. Livros eletrônicos. I. Backes, Marcelo. II. Título.

20-65466 / CDD 833 / CDU 82-3(430)

Camila Donis Hartmann

Bibliotecária — CRB-7/6472

**Editorial**

Fabiano Curi (diretor editorial)
Graziella Beting (editora-chefe)
Ana Lima Cecilio (editora)
Kaio Cassio (assistente editorial)
Karina Macedo (assistente de coordenação editorial)
Laura Lotufo (editora de arte)
Lilia Góes (produtora gráfica)

Comunicação e imprensa

Clara Dias

Administrativo

Lilian Périgo
Marcela Silveira

Expedição

Nelson Figueiredo

Editora Carambaia

Av. São Luís, 86, cj. 182
01046-000 São Paulo SP
contato@carambaia.com.br
www.carambaia.com.br



Enervadas

Chrysanthème

9786586398021

168 páginas

[Compre agora e leia](#)

Livro raro de uma das preciosidades mais bem guardadas da literatura brasileira, a carioca Chrysanthème (1870-1948), autora importante do início do século XX, uma das pioneiras ao levar as causas feministas para a literatura. *Enervadas*, um romance de 1922, contém passagens de críticas veementes contra a submissão e os limites à liberdade reservados às mulheres, além de ser uma divertida crônica sobre as classes abastadas do Rio de Janeiro na República Velha.

Moderna e dona de "um temperamento inimigo da fixidez e da banalidade", a protagonista Lúcia recebe, no primeiro capítulo do livro, o diagnóstico médico de que é uma "enervada", categoria na qual a ciência da época reunia uma ampla gama de mulheres insatisfeitas. O plural do título se refere também às amigas de Lúcia, que considera suas semelhantes. A protagonista, no entanto, questiona o diagnóstico: ser "enervada" significaria apenas ter desejo de beijar esse médico, a quem confessa seus "gostos, sonhos e temperamentos"? "Certamente que não", diz ela. "Isso é ser-se humano e mais nada."

O romance recua, em forma de diário, à vida amorosa da protagonista curiosa e sexualmente livre. Atraída pelos dotes de dançarino de um funcionário do Ministério do Exterior, casa-se com ele, mas logo se entedia e, ao ver-se explorada, segue-se a inevitável separação. Ao longo da narrativa, sucedem-se flertes e

romances, entremeados por uma vida social intensa e algum consumo de morfina. Lúcia compartilha dúvidas e insatisfações com amigas fiéis: Maria Helena, lésbica; Laura, namoradeira em série; Magdalena, cocainômana; e Margarida, satisfeita mãe de muitos filhos.

[Compre agora e leia](#)